

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Renata Sabrina Onzi

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO PRESENTE NA FALA DA *YOUTUBER*
MARCELA TAVARES**

**Feliz
2018**

Renata Sabrina Onzi

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO PRESENTE NA FALA DA YOUTUBER
MARCELA TAVARES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus de Feliz como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Cristiano da
Silveira Pereira

**Feliz
2018**

Renata Sabrina Onzi

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO PRESENTE NA FALA DA YOUTUBER
MARCELA TAVARES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus de Feliz, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Cristiano da Silveira Pereira (IFRS – CAMPUS FELIZ)

Profª Drª Elisa Marchioro Stumpf (IFRS – CAMPUS FELIZ)

Profª. Dr. Giovani Forgiarini Aiub (IFRS – CAMPUS FELIZ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz - deixo minha gratidão por ter me proporcionado um ambiente propício à evolução, ao crescimento pessoal e profissional e por todas as condições de ensino e aprendizagem.

Aos meus pais, irmão e namorado pelo apoio e carinho, os quais não mediram esforços para que eu realizasse esta etapa da minha vida.

Ao meu orientador Cristiano da Silveira Pereira pela paciência e incentivo na realização desta monografia.

Aos meus amigos e às pessoas com quem convivi ao longo desses anos, pelas alegrias e tristezas compartilhadas, bem como pelas palavras e gestos de apoio e incentivo.

Enfim, a todos aqueles que, de alguma forma, fizeram parte deste percurso, deixo um profundo agradecimento, pois tiveram um papel fundamental nesta etapa da minha vida.

“A língua está entremeada na vida humana. Nós a usamos para informar e convencer, mas também para ameaçar, para seduzir e, é claro, para xingar. Ela reflete a forma como apreendemos a realidade, e também a imagem de nós mesmos que tentamos projetar para os outros, e os laços que nos unem a eles. É (...) uma janela para a natureza humana”.

Steven Pinker

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso reflete sobre o preconceito linguístico presente nos vídeos da atriz e *youtuber* Marcela Tavares, intitulados “Não seja Burro”, nos quais ela propõe-se a ensinar as pessoas a “falar e escrever melhor”, rotulando quem tem o “falar incorreto” ou comete erros gramaticais como pessoas “burras e com problemas”. Nesse sentido, embasei-me principalmente nos estudos de Marcos Bagno (2015), William Labov (2008) e Bortoni-Ricardo (2004), os quais são referência no campo de estudos da Sociolinguística e do preconceito linguístico. Dessa forma, foi realizada, inicialmente, a revisão de literatura sobre variedade, mudança e preconceito linguístico, relacionados ao ensino de língua portuguesa nas salas de aula de nosso país. Após isso, realizou-se a transcrição e a análise dos vídeos, nos quais se comprova o preconceito linguístico praticado por Marcela, representados na forma de intolerância e de preconceito com aqueles que, segundo ela, falam e escrevem “errado”.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Preconceito linguístico. Marcela Tavares. Redes sociais.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the linguistic prejudice expressed through Marcela Tavares's videos, who is an actress and youtuber. The videos are entitled "Do not be dumb", in which she proposes to teach people to "speak and write better" and also she labels who "speaks wrongly" or make grammatical mistakes as "dumb and troubled people". Therefore, this research is mainly based on studies from Marcos Bagno (2015), William Labov (2008) and Bortoni-Ricardo (2004), authors from Sociolinguistic and Linguistic Prejudice fields. Thus, as a first step, the literature review on linguistic variety, change and prejudice related to Portuguese teaching in Brazilian classrooms was carried out. After that, Marcela's videos were transcribed and the data were analyzed. Results show that linguistic prejudice was practiced by Marcela, represented as intolerance and discrimination in relation to those who, according to her, speak and write "wrongly".

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Linguistic Prejudice. Marcela Tavares. Social networking sites.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide social brasileira	21
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Variação fonológica	34
Quadro 2 – Ortografia	34
Quadro 3 – Variação sintática	34
Quadro 4 – Preconceito Linguístico	35
Quadro 5 – Variações na fala de Marcela	35
Quadro 6 – Variação fonológica	41
Quadro 7 – Ortografia	41
Quadro 8 – Variação sintática	41
Quadro 9 – Preconceito Linguístico	42
Quadro 10 – Variações na fala de Marcela	42
Quadro 11 – Variação fonológica	45
Quadro 12 – Ortografia	45
Quadro 13 – Variação sintática	45
Quadro 14 – Preconceito Linguístico	45
Quadro 15 – Variações na fala de Marcela	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1	CONCEITO DE <i>YOUTUBE</i>	12
2.2	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	15
2.2.1	Variações e variedades linguísticas	16
2.2.2	Preconceito linguístico	20
2.3	A LÍNGUA E SUAS VARIAÇÕES: O PAPEL DA LÍNGUA NOS CANAIS DO <i>YOUTUBE</i>	26
3	PERCURSO METODOLÓGICO	30
3.1	OBJETO DE ESTUDO	31
3.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE	32
4	ANÁLISE DOS DADOS	34
4.1	ANÁLISE DOS DADOS: VÍDEO 1	34
4.2	ANÁLISE DOS DADOS: VÍDEO 2.....	41
4.3	ANÁLISE DOS DADOS: VÍDEO 3.....	45
4.4	ANÁLISE DO TRECHO DO SHOW DE STAND-UP "DANOS MORAIS" ...	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS.....	54
	ANEXO A – VÍDEO 1: NÃO SEJA BURRO #1	58
	ANEXO B – VÍDEO 2: NÃO SEJA BURRO #2	61
	ANEXO C – VÍDEO 3: NÃO SEJA BURRO #3	64
	ANEXO D – TRECHO DO SHOW DE STAND-UP "DANOS MORAIS"	66

1 INTRODUÇÃO

A língua é um dos principais elementos que sustentam a vida em sociedade, pois é responsável pela interação e pela comunicação entre seus membros. No entanto, a língua muitas vezes é usada de forma a veicular ideias negativas, gerando o preconceito linguístico e a discriminação entre a população.

Por isso, é necessário compreendermos que a língua possui inúmeras variações e que nenhuma deve ter mais prestígio perante as demais. Nesse sentido, precisamos levar em conta o contexto histórico e social do falante, tendo em vista que a língua está em constante transformação, e nós, falantes da língua portuguesa brasileira, somos um dos responsáveis por essa mudança linguística.

Desta forma, a gramática normativa¹ possui regras que geram o que se conhece por norma-padrão, um modelo a ser seguido pelos falantes e que não leva em conta algumas formas de uso da linguagem (suas variações), as quais são inerentes, ou seja, inseparáveis à língua. Sendo assim, o fato de existir muitos fatores sociais que vinculam juízo de valor a respeito da língua (como a norma-padrão ser de prestígio), as demais variantes sejam estigmatizadas. Isso pode ocorrer, como citado anteriormente, de acordo com o contexto em que o falante está inserido, sendo o falante da norma culta caracterizado como aquele com alto nível de escolaridade e de poder aquisitivo, fato que está ligado à estrutura e a valores impostos pela sociedade.

Nesse cenário, a variante coloquial é vista como fator de exclusão social e de preconceito linguístico. Esse discurso se inicia nas escolas, onde os professores valorizam e ensinam a norma-padrão aos alunos, muitas vezes subjugando as demais variações, como afirma Bagno (2007, p. 29):

É o discurso, muitas vezes não explicitado, oculto na atitude de quem se vale de seu conhecimento da gramática normativa como um instrumento de *distinção*, como se saber a regência “correta” do verbo *implicar* implicasse em algum tipo de vantagem, de superioridade intelectual, de senha secreta para o ingresso num círculo de privilegiados.

Além das escolas, a mídia é outro fator responsável pela propagação do preconceito linguístico e pela valorização da norma-padrão, estereotipando as

¹ Entende-se a gramática como um conjunto sistemático de normas falar e escrever bem, tendo por base o uso da língua considerado pelos bons escritores.

peças de acordo com sua maneira de falar e de escrever. Portanto, procura-se, ao longo deste trabalho, refletir o preconceito linguístico nos vídeos “Não seja burro #1², #2³ e #3⁴” e “Preconceito Linguístico⁵” (nesse último, visamos ver a compreensão desse fenômeno) da atriz e *youtuber* Marcela Tavares, postados em seu canal do *Youtube*, nos quais ela se propõe a ensinar as pessoas a “falar e escrever melhor”, rotulando quem tem o “falar incorreto” ou comete erros gramaticais como pessoas burras e “problemáticas”.

Com base nessas considerações, vamos olhar para o ensino da fala dita “correta” de acordo com a *youtuber*, bem como fazer uma análise do preconceito linguístico presente em seus vídeos, nos quais ela não leva em conta as variações da Língua Portuguesa Brasileira. Para isso, irei embasar-me nos estudos de Willian Labov, Marcos Bagno e Stella Maris Bortoni-Ricardo, autores os quais discutem o preconceito linguístico e são referências no campo da Sociolinguística.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo>. Acesso em: 16 nov. 2018.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gTzByKSsmt0>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qa4FUJPEk0M>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRwBwBtx0_s&t=7s>. Acesso em: 16 nov. 2018.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITO DE *YOUTUBE*

Os avanços tecnológicos nas áreas da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC), nos últimos anos, impulsionaram novos meios de se comunicar, informar e construir conhecimentos. Esse é, a princípio, o papel das redes sociais: compartilhar informações e conhecimento mediante as relações dos membros que as integram. A própria natureza humana tem a função de nos relacionar com outras pessoas e fazer com que estabeleçamos relações entre si.

Nas redes sociais, cada um possui uma identidade, o que, segundo Marteleto (2001, p. 72), representa “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.” Ainda, para Kemper et al. (2005 apud BASSO 2006, p. 161), a rede social é uma representação das relações e interações entre indivíduos de um grupo e possui um papel importante como meio de propagação de informação, ideias e influências. Ou seja, as conexões são constituídas e estabelecidas pelos laços sociais, que são aperfeiçoados por meio da interação social dos usuários. A conectividade e a comunicação criam alternativas ágeis e dinâmicas de construção, compartilhamento e propagação de informação, além de conhecimentos simultâneos entre pessoas localizadas em diferentes lugares. São nas redes sociais que crianças, jovens e adultos assumem um papel de protagonismo.

Quando interagimos nas redes sociais, adotamos comportamentos semelhantes aos de outros usuários, o que reflete em nosso repertório sociolinguístico. Por isso, também devemos considerar o grupo de referência do usuário, segundo aponta Bortoni-Ricardo (2004, p. 49):

Cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social. Por isso, sabemos que a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico. Além da rede social, com que o indivíduo efetivamente interage, devemos considerar também o seu grupo de referências, pessoas com quem esse indivíduo não interage fisicamente ou por meios de recursos como internet, telefone, etc., mas tem como modelo para sua conduta.

Na grande maioria das vezes, esse grupo de referência é escolhido pelo indivíduo de acordo com as experiências adquiridas assistindo à televisão, a filmes, a relatos, a vídeos, etc. Ainda, consoante a autora:

Todos esses fatores representam os atributos de um falante: sua idade, sexo, seu status socioeconômico, nível de escolarização etc; podemos dizer que esses atributos são estruturais, isto é, fazem parte da própria individualidade do falante. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49).

Além disso, temos os fatores funcionais, que são o resultado das interações sociais do indivíduo, e, por isso, constatamos que a variação linguística depende de ambos os fatores, socioestruturais e sociofuncionais. Dessa forma, ao estudarmos a variação linguística, devemos considerar que aquilo que a gente é influencia aquilo que a gente faz. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49).

Levando em conta que rede social é uma forma de conectar e interagir com pessoas, o *YouTube* pode ser considerado uma rede social, pois existem pessoas interagindo e compartilhando informações entre si, nesse caso vídeos, mensagens, comentários. Sua principal função é permitir que os usuários assistam, compartilhem e publiquem seus vídeos em formato digital.

A palavra *YouTube* foi criada com base em dois termos da língua inglesa: *you*, que significa você, e *tube*, que provém de uma gíria que se associa ao termo “televisão”. Em outras palavras seria a “televisão feita por você”. Criado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o *site* permite que os usuários publiquem seus próprios vídeos na rede, através de uma conta própria, o que permite que pessoas do mundo inteiro visualizem os vídeos.

A ideia é semelhante à da televisão, na qual existem vários canais disponíveis. A diferença é que, no *YouTube*, os canais são produzidos pelos próprios usuários, os quais publicam seus vídeos sobre diversos temas, estando disponíveis para qualquer pessoa assistir e também inserir comentários sobre o vídeo, caso o usuário assim o deseje. Além dos vídeos, o *YouTube* hospeda uma imensa quantidade de filmes, documentários, videoclipes musicais, dentre outros, bem como transmissões ao vivo de eventos de grande porte. O site ainda recompensa os vídeos mais populares, ou “mais vistos”, com honras, que são divididos em quatro categorias: vídeos de hoje, dessa semana, desse mês e de todos os tempos.

O *YouTube* ainda utiliza um formato que permite aos usuários colocar vídeos em blogs e sites pessoais. Todo o potencial do site foi anunciado pela revista americana *Time*, que elegeu o *site* como a melhor invenção de 2006. Mesmo assim, a rede já foi bloqueada no Brasil, em 2007, devido a um vídeo mostrando cenas explícitas de um casal, porém a medida foi indeferida, declarando que o site não deveria ser bloqueado. Assim, estima-se que diariamente vinte mil novos vídeos são carregados e trinta milhões são visualizados no *YouTube*.

Uma das ferramentas que a rede disponibiliza é a possibilidade de pessoas, de bandas, de canais de televisão, enfim, quem quiser, criar seu canal, no intuito de postar seus vídeos, criar um nome para o canal, colocar descrições, escolher o tipo de canal (músico, comediante, diretor, etc.). O usuário também pode personalizar, escolhendo a cor e o visual, além de deixar as suas informações, como nome, contato e foto de perfil.

Ao fazer o *upload* do vídeo em seu canal, o usuário deverá preencher os campos com o título do vídeo e a descrição, ou seja, sobre o que é o vídeo, o que ele mostra, etc. Questões como o tempo de duração dos vídeos, o tipo de vídeo que mais atrai o público e o conteúdo que será usado — seja informativo, vídeo-aula, entretenimento ou tutorial — estão a critério do dono do canal, que deverá selecionar de acordo com a demanda do seu público.

A popularidade conseguida por alguns vídeos “caseiros”, ou seja, produzidos pelos próprios usuários, leva pessoas desconhecidas a se tornarem famosas, como é o caso de Marcela Tavares. A atriz e *youtuber*, que também já foi apresentadora da Rede Record da TV brasileira, possui um canal no *YouTube* em que ela expõe seus vídeos gravados por ela mesma.

Por isso, surgiu o interesse em realizar esta análise dos vídeos da *youtuber* em que, mesmo com a vasta diversidade linguística do nosso país, ainda existem pessoas, como ela, que cometem preconceito linguístico. Em seus vídeos, ela propõe ajudar as pessoas a falar/escrever melhor, como se existisse somente uma maneira correta de falar/escrever e ainda intitulando quem tem o “falar incorreto” ou comete erros gramaticais como pessoas burras e com “problemas”.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Os estudos linguísticos iniciam no século XX, com os linguistas Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky. Com o Curso de Linguística Geral, Saussure dá início à linguística moderna, definindo seu objeto de estudo – a língua –, através do corte saussuriano. Para ele, a língua é homogênea, um sistema de signos e um fenômeno social, considerando-a como produto de uma convenção estabelecida entre os membros de determinado grupo.

Algum tempo depois, nos EUA, Noam Chomsky cria o Gerativismo, em que todo o sujeito tem a faculdade inata de produzir e compreender sentenças, além de ter uma gramática universal internalizada. Tanto a abordagem estruturalista de Saussure como a gerativista de Chomsky consideram a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas da gramática são suficientes para uma descrição do objeto. Com base nessas propostas, no sistema a ser descrito pela Linguística, não eram consideradas as variações da fala sobre os elementos da língua.

A partir disso, como reação a essas duas correntes, surge o linguista William Labov com sua Sociolinguística laboviana, também chamada de “Teoria da Variação e Mudança” ou de “Sociolinguística Quantitativa”. Para Labov (2008, p. 131), “o estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes”. Segundo ele, todos os falantes possuem um conhecimento da língua (parte social da linguagem), afirmando que é possível estudar o aspecto social da linguagem pela observação de um único indivíduo. Por isso, Labov (2008, p. 215) diz: “a língua é uma forma de comportamento social. [...] Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros.”

No entanto, o estudo da *parole* (parte individual da linguagem) só pode ser feito pela observação da linguagem no contexto social, ou seja, com os indivíduos interagindo linguisticamente. Dessa forma, essa vertente teórica visa estudar a língua em um contexto social e para, além disso, em uma comunidade de fala. Diante desse fato, Labov (2008, p. 21) aponta:

O ponto de vista do presente estudo [sociolinguística laboviana] é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Por isso, em oposição a Saussure, Labov leva em conta os fatores externos da língua, visto que a língua e fala não podem ser separadas, devendo-se estabelecer uma junção entre a parte social e individual da mesma. Já nas considerações de Chomsky, Labov acredita que não existe uma comunidade de fala homogênea nem mesmo um falante-ouvinte ideal, mas, sim, a existência de variação e estruturas heterogêneas nas comunidades de fala. Dessa forma, o principal aspecto da sua abordagem é a presença do componente social na análise linguística, e, por conseguinte, a Sociolinguística passa a se preocupar com a relação entre língua e sociedade, defendendo que as variações sociais refletem no uso que os sujeitos fazem da língua, bem como com o estudo da estrutura e evolução da linguagem dentro do contexto social.

2.2.1 Variações e variedades linguísticas

Na abordagem de William Labov (2008), as línguas estão ligadas a um sistema heterogêneo, afinal os indivíduos de uma comunidade conseguem se comunicar e se entender mesmo com as variações ou diversidades linguísticas existentes. Labov (2008, p. 19) percebe a variação linguística a partir de três tópicos:

A explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. [...] essas variações podem ser induzidas pelo processo de assimilação, ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo.

Um fenômeno de variação linguística bastante presente em nosso dia a dia é o uso dos pronomes 'tu' e 'você', referindo-se a segunda pessoa do singular. Partindo da perspectiva de Labov, o fato de um indivíduo ou comunidade conviver com 'tu' ou 'você', no caso do Português brasileiro, não é algo relativo, uma vez que as variações são inerentes às línguas e não comprometem o funcionamento

adequado do sistema linguístico, nem mesmo a possibilidade de comunicação entre seus falantes.

As diferentes formas que empregamos ao falar e escrever são ricas em significado social, além de caracterizar quem são os falantes e ouvintes, de acordo com o local em que vivem, a cultura a que pertencem, identidade, dentre outras informações. Nesse contexto, a variação entre os pronomes ‘tu’ e ‘você’, como mencionei acima, trata-se da expressão predominante da segunda pessoa do singular no Português brasileiro. As variantes são as formas individuais, neste caso, ‘tu’ e ‘você’. Segundo Bagno (2015, p. 72),

Na maior parte do Brasil, como sabemos, (...) o pronome *tu* foi substituído por *você*. (...) De fato, o pronome *tu* aparece cada vez mais circunscrito a determinadas regiões e, quando ainda é usado – como por exemplo em alguns falares característicos de certas camadas sociais do Rio de Janeiro e, de modo mais amplo, no Rio Grande do Sul -, o verbo assume a forma de terceira pessoa: *tu vai, tu foi, tu veio, tu fica, tu quer, tu deixa isso* etc., que caracteriza também a fala informal de outras regiões.

Sendo assim, podemos definir variável como o aspecto da língua que está em variação e variantes, como formas individuais que “disputam” em uma variável. Outro exemplo é a expressão da primeira pessoa do plural, que ocupa a posição de variável, cujos pronomes ‘nós’ e ‘a gente’ são as variantes. Omena (1996) ressalta que talvez o uso de *a gente* em substituição ao pronome “nós” tenha relação com a necessidade de contrapor uma referência precisa a uma imprecisa, ratificando o que expõem Rollemberg et al. (1991), quando afirmam que a forma pronominal *a gente* possui um grau generalizador de abrangência maior que o do pronome ‘nós’, que sempre inclui o comprometimento do “eu”. Monteiro (1994, p. 150) também se expressa a esse respeito:

A substituição de *nós* por *a gente* não atingiu na norma culta o mesmo nível de aceitação que se verifica na fala popular. Enquanto nesta se acusa uma preferência geral de 69% para o uso do sujeito *a gente*, na norma culta se dá o contrário: a preferência é de 62% para o pronome *nós*. (grifo do autor).

Desta forma, as formas variantes costumam receber diferentes valores pela comunidade: as variantes padrão são aquelas com maior prestígio pela comunidade, podendo haver preconceito à forma como os falantes empregam a forma não-padrão. Labov (2008, p. 343) menciona que:

Quando o falante rural chega na cidade, descobre em geral que sua fala caipira é ridicularizada. Mesmo sendo um marcador de identidade local, e

uma fonte de prestígio em casa, ele já pode ter consciência do caráter provinciano de sua fala antes de chegar na cidade. Em consequência disso, vemos frequentemente uma rápida transformação dos traços mais salientes dos dialetos rurais à medida que os falantes se incorporam à vida urbana.

Um aspecto fundamental no estudo sobre as variações é o de que elas não estão limitadas a um dos níveis da gramática, mas aparecem em todos os níveis: fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo. No nível fonológico, encontramos variação nos ditongos *caixa/caxa*, *outro/otro*. No morfológico, em verbos no infinitivo, como *andar/andá*, *beber/bebe*. Já na sintaxe, temos variação na construção de frases relativas, como: “*Esta é a banda de que eu gosto*” – “*Esta é a banda que eu gosto*” – “*Essa é a banda que eu gosto dela*”. O nível discursivo manifesta o uso de marcadores discursivos, como: *sabe?*, *aí...*, e *daí...*, *então...*. Por fim, o lexical remete, mais precisamente, à variação lexical, como: *aipim/macaxeira/mandioca*, *bergamota/tangerina/mimosa*, *pão francês/cacetinho*.

Sendo assim, deve-se mencionar aqui os condicionadores linguísticos e sociais, aqueles que condicionam, em um caso de variação, a escolha do falante entre uma ou outra variante. O primeiro traz a função da ordem dos constituintes em uma sentença, a categoria de palavras ou construções envolvidas, aspectos semânticos, etc. O segundo, também chamados de extralinguísticos, encontramos, como mais comuns, o gênero/sexo, a faixa etária e o grau de escolaridade do informante. A fim de esclarecimento sobre o uso de condicionadores, utilizaremos os exemplos “nós” e “nóis”, “mas” e “mais” (expansão do monotongo para ditongo), em que milhares de brasileiros colocam o “l” antes do “s” (ma/lj/s). Existem diversas regiões do país em que é pronunciado o “mais” ou “nóis”, como também outras regiões em que é predominante o “mas” e “nós”, como também lugares em que as duas formas convivem, podendo haver diferenciação de condicionadores como o grau de intimidade entre os falantes, por exemplo.

Em suma, esse é um dos aspectos adotados pela Sociolinguística para ser seu instrumento de investigação, sendo, em nosso caso, o mais adequado para esta pesquisa. Mas ainda vai além, mostrando que a língua é um sistema heterogêneo, composta por variações e por um conjunto estruturado de regras categóricas e variáveis, inerentes ao sistema. Essas regras variáveis podem ser aplicadas dependendo do ambiente linguístico e/ou social, sendo que a escolha será feita pelo falante de acordo com os fatores condicionadores. Segundo Labov (2008, p. 313),

A variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mudança linguística? Por “social” entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por “estilística”, as alternâncias pelo qual um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato da fala. Ambas estão incluídas no comportamento “expressivo” – o modo como o falante diz ao ouvinte sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõe em sua significação social e/ou estilística.

Nesse sentido, é relevante refletir sobre a questão do valor social das formas variantes. Monteiro (2000, p. 65) aponta o fato de que “um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem” e reforça que uma variação linguística pressupõe valor social, ou seja, variantes empregadas por falantes considerados de camadas sociais mais baixas, em grande parte, são estigmatizadas. Neste caso, podem-se considerar as seguintes sentenças: “*Tu vai sair?*”, “*A gente vamos sair*” e “*Nós vai sair*”. Em termos de variável, todas possuem concordância entre verbo e sujeito. No entanto, para muitos, as duas últimas sentenças soam mais “erradas”, sendo assim menos aceitáveis pela comunidade falante. A primeira sentença já se encontra bastante difundida em diversas regiões, enquanto as demais se encontram em grupos mais específicos da sociedade, comumente naqueles considerados com baixa escolaridade e renda. Ou seja, o valor atribuído pela sociedade é que faz com que uma sentença seja considerada “melhor” que a outra, sendo nessa questão em que se perpetua o preconceito linguístico.

A propósito, Labov (2008, p. 360) menciona que existem julgamentos sociais conscientes e inconscientes em relação à língua, sendo três elementos no nível de consciência: os estereótipos, marcadores e indicadores:

Indicadores são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa. (...) *Marcadores* como (eh) ou (r), por sua vez, exibem estratificação estilística tanto quanto estratificação social. (...) Estereótipos são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade. (grifos do autor).

Sendo assim, os marcadores são traços linguísticos sociais e estilísticos que permitem efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o falante. Alguns testes têm mostrado que os falantes rotulam certos

usos como “errado”, mas, ainda assim, fazem uso destas formas, grande parte inconscientemente. O uso dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ apresenta, em diversas regiões do Brasil, variação estilística e social: o pronome ‘tu’ é mais usado para se referir a um locutor mais íntimo, alguém familiar, enquanto ‘você’ é mais usado quando o interlocutor é um desconhecido, uma pessoa mais velha. Sendo assim, ‘tu’ é usado em situações mais informais e *você* em situações de uso formal. Por outro lado, ambos não são estigmatizados, mas, sim, relacionados a variáveis estilísticas (grau de intimidade, etc.) e sociais (faixa etária dos falantes, por exemplo). Já os indicadores refletem a variação social do falante (idade, grupo social), mas não são sujeitos à variação estilística e têm pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao *status* social do falante. Entre os exemplos de indicadores, temos a monotongação dos ditongos /ei/ e /ow/, na fala do Português, em peixe/peixe, ouro/ouro, feijão/feijão, por exemplo. Outro exemplo é a expansão do monotongo para ditongo: mais/mas, faiz/faz.

No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, as formas ‘tu foi’ e ‘vou ir’ são marcadores, não estereótipos, pois não são estigmatizadas e marcam a identidade local. Sendo assim, esses três elementos são de extrema importância para a Sociolinguística, pois auxilia no processo de mudança linguística e a saber mais sobre o processo da relação entre língua e sociedade. Ainda assim, muitas formas de fala ou escrita de uma determinada comunidade são estigmatizadas por outros falantes, ocorrendo, desta forma, o preconceito linguístico, o qual articularemos no capítulo a seguir.

2.2.2 Preconceito linguístico

A relação entre língua e sociedade nos remete a um fenômeno social: o preconceito linguístico. No dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (verbetes *preconceito*, 2001, p. 2282), encontra-se a seguinte definição para esta expressão:

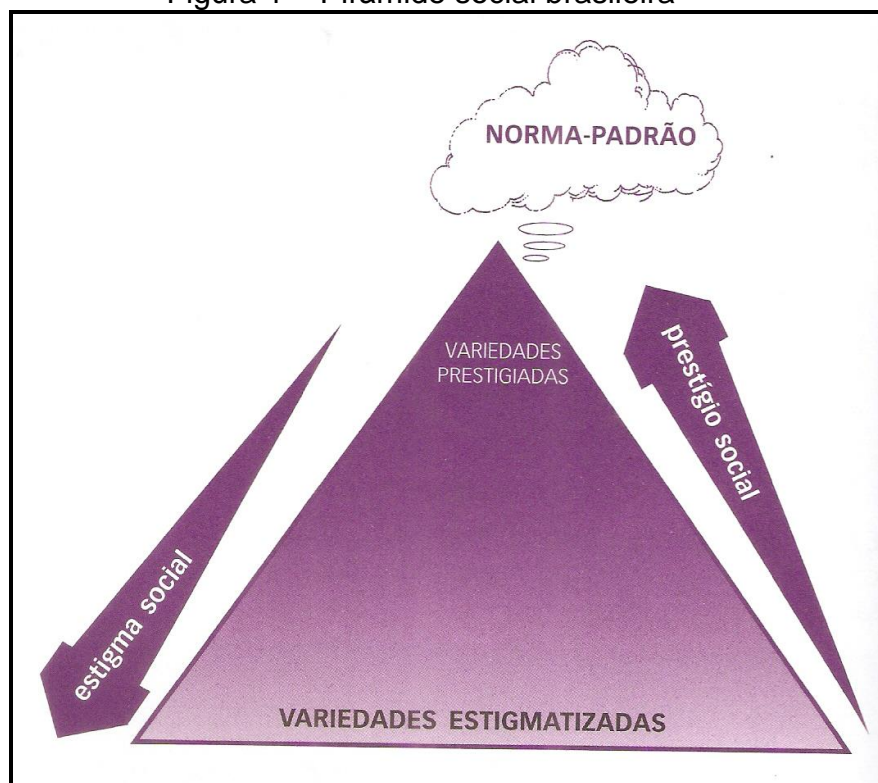
Qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos.

Isso ocorre quando julgamos os falantes ou grupos de determinada comunidade pelo modo como falam, pelas formas linguísticas que empregam, as quais não seguem a norma culta da língua portuguesa brasileira. Por isso, a noção de “erro” no uso linguístico produz preconceito linguístico que, muitas vezes, gera exclusão social. De acordo com Bagno (2015, p. 180),

O rótulo de erro é aplicado a toda e qualquer manifestação linguística (fonética, morfológica e sintática, principalmente) que se diferencia das regras prescritas pela gramática normativa, que se apresenta como codificação da “língua culta”, embora na verdade seja a codificação de um padrão idealizado, que não coincide com nenhuma verdadeira variedade urbana de prestígio.

A Figura 1 mostra a pirâmide social brasileira proposta por Marcos Bagno em seu livro Nada na Língua é por acaso.

Figura 1 – Pirâmide social brasileira



Fonte: Bagno (2007, p. 106).

Observando-se a Figura 1, nota-se que a norma-padrão está inserida no topo da pirâmide, ou seja, é a variável mais prestigiada em comparação com outras, que são estigmatizadas. Isso ocorre devido ao fato de que a norma-padrão não corresponde ao uso real de uma dada língua, mas é proposta muito mais como um

modelo, uma ideologia linguística, que exerce um poder simbólico sobre o imaginário dos falantes. Outro ponto a ser observado é o fato de que não existe fronteira nítida entre as variedades prestigiadas e as variedades estigmatizadas, uma vez que há grande influência de uma sobre as outras, ou seja, os falantes, em sua maioria, misturam as variedades.

Nesse sentido, existem diversos mitos de que só em Portugal se sabe bem o Português, que o Português é uma língua muito difícil, sendo o seu domínio atingido somente por professores e intelectuais, e, por isso, os brasileiros não sabem Português de modo correto. O que se defende como língua “correta” é a norma culta do Português, aquela dos livros didáticos e das gramáticas, infelizmente ainda utilizada por inúmeras escolas e pela mídia, as quais esquecem que a língua é heterogênea e dotada de diversas variações. Coan e Freitag (2010, p. 1) afirmam que “apesar dos avanços significativos nas últimas décadas, as implicações decorrentes da correlação entre heterogeneidade linguística e ensino de Língua Portuguesa estão ainda longe de se esgotar”. Afinal, a escola, ainda hoje, além de ensinar as pessoas a ler e escrever, muitas vezes perpetua esse conjunto de mitos sobre a língua portuguesa brasileira, o qual circula pela nossa sociedade como argumentos racionais e sensatos. O preconceito linguístico muitas vezes nem é percebido como tal em nossa sociedade, pois as pessoas passam a vida acreditando que não sabem falar corretamente, que o modo como falam é “errado”, o que, muitas vezes, leva ao isolamento e à timidez. Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 33-34),

Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos.

Outra questão é a falácia de que as pessoas sem instrução falam errado, a crença de que só existe uma língua portuguesa correta, aquela ensinada nas escolas e escrita nas gramáticas. Qualquer manifestação linguística que escape do triângulo escola-gramática-dicionário é considerada feia, errada e não pertencente à

língua portuguesa. Podemos citar os exemplos “*Cráudia, chicrete, praca*”, em que muitas pessoas trocam o L pelo R, sendo extremamente estigmatizadas. E isso não ocorre somente com as camadas consideradas mais baixas, mas também falantes das camadas de prestígio. Bagno (2015, p. 66-67) afirma:

Se dizer “*Cráudia, praca, pranta*” é considerado “errado”, e, por outro lado, dizer *frouxo, escravo, branco, praga* é considerado certo, isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política – as pessoas que dizem “*Cráudia, praca, pranta*” pertencem a camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, excluídas, que não têm acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola.

Em nossa sociedade, existem diversos grupos de pessoas, de uma classe social e econômica geralmente alta, que acredita que seu modo de falar a língua é o mais correto, o mais bonito e, conseqüentemente, o modo como os outros grupos devem falar, chamados dominantes. Desta forma, pode-se dizer que o preconceito linguístico no Brasil acontece em duas direções: de dentro da elite para fora dela, sendo estes aqueles que não pertencem às camadas sociais privilegiadas; e de dentro da elite para ao redor de si mesma, contra seus próprios membros que, às vezes, não aceitam seu próprio modo de falar, as suas próprias variedades linguísticas. E o principal fator que leva aos falantes pensarem desta forma é a convicção de que brasileiro não fala bem o Português, que é somente em Portugal que se fala bem e que é preciso saber gramática para falar e escrever bem. Segundo Bagno (2015, p. 43),

O brasileiro sabe português sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade ou razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal.

Sendo assim, ninguém é obrigado a falar de uma forma ou de outra, e nenhuma forma está certa ou errada. É fundamental que todas as formas sejam consideradas justas e corretas e não somente as formas tradicionais. As pessoas não devem ter medo de usar a língua como usam em seu dia a dia, afinal, se quisermos construir uma sociedade justa e tolerante, que valorize a diversidade, as variações linguísticas também devem ser respeitadas, devem ser vistas como a

riqueza do nosso país e um patrimônio do nosso povo. Por isso, Bagno (2015, p. 176-177) afirma:

[...] do ponto de vista científico, simplesmente não existe erro de português. Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar... Por isso, qualquer criança entre 7 e 8 anos de idade já domina plenamente a gramática de sua língua.

É por isso que as escolas devem ensinar a respeitar as variedades linguísticas existentes na sociedade em oposição à cultura excludente e preconceituosa fortemente presente nos dias de hoje. Conhecer as regras e os usos formais da nossa gramática pode, sim, ser cultivado, mas isso não pode se transformar em uma arma de exclusão social. Por mais que muitos puristas – aqueles que defendem a pureza da língua – afirmem que a língua está pronta e acabada, e que suas regras, mesmo tendo sofrido mudanças no passado, agora são definitivas, temos de ter consciência de que, enquanto houver pessoas falando uma língua, ela vai sofrer variações e mudanças, ou seja, toda a língua muda com o tempo.

Mesmo que muitos vejam essas mudanças como negativas, sabemos que a língua não poderia ficar parada no espaço, afinal tudo ao nosso redor está mudando e inovando, assim como a sociedade (e, com a língua, não seria diferente). Sendo assim, os falantes mudam a língua o tempo todo de forma inconsciente e imperceptível, tornando-a mais adequada às exigências de comunicação e interação. Conseqüentemente, não existe língua sem falantes. São os falantes que mudam a língua em sociedade, e isso acontece, pois a língua é viva, é uma instituição social, como afirma Bagno (2015, p.168):

A gramática normativa tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica e está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação.

Por isso, desde o nascimento da criança, ela está exposta, em seu ambiente sociocultural, a um conjunto de propriedades internas da língua, o qual vai sendo assimilado, interiorizado, de modo que essa gramática vai se instalar em seus dispositivos cognitivos, tornando-se uma poderosa intuição. É por isso que uma

criança de 7-8 anos de idade tem pleno domínio da gramática de sua língua. Sendo assim, segundo Bagno (2015, p. 285), não é necessário que ensinemos aos nossos alunos o que são orações subordinadas, uma vez que:

(...) não é preciso “ensinar gramática” para as pessoas que, desde crianças, já trazem a gramática de sua língua perfeitamente interiorizada em sua cognição. A função da escola será desenvolver essa intuição linguística, introduzir os aprendizes no mundo da escrita, expandir o repertório linguístico dos aprendizes por meio da inserção deles no mundo da cultura letrada.

Dessa forma, a grande tarefa da educação linguística atual é permitir, incentivar e desenvolver o letramento⁶ dos alunos, ou seja, inseri-los na cultura letrada da sua comunidade, sendo esse o dever da escola e direito de todo cidadão. E para que isso aconteça, é necessário que os alunos leiam e escrevam bastante, para que, assim, possam ler e escrever bem, uma vez que é somente através de muita leitura que os alunos poderão refletir sobre o fenômeno de língua e linguagem, bem como do sistema linguístico, o que já nos afirma Bagno (2015, p. 101-102):

Ler e escrever – é isso que importa. Ler e escrever textos variados, de todos os tipos e de todos os gêneros que circulam em nossa sociedade. Somente assim a pessoa vai estar minimamente habilitada a se mover em meio ao universo letrado que é a sociedade contemporânea, que exige de nós capacidades de leitura e escrita cada vez mais variadas, que se transformam e se complexificam mais a cada dia.

Outro fator que cabe mencionarmos aqui é o papel das redes sociais em nossa língua, já apontado na seção anterior. Cada ser humano adota comportamentos semelhantes àqueles com quem convive, seja em sua família, comunidade, seja nas redes sociais. As redes sociais são, como apresentadas por Recuero (2009, p. 24), como uma “metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Uma rede social, portanto, tem o intuito de conectar pessoas, instituições ou grupos, tendo a linguagem como um dos principais mecanismos para essa conexão. Por isso, a rede social de um indivíduo é um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico. Nesse sentido, todos podem, virtualmente, falar e escrever o que quiserem e da forma que quiserem, o que, muitas vezes, acaba gerando o preconceito linguístico.

⁶ Entende-se por letramento o produto da ação de ler e escrever, compreendendo a linguagem como prática social. Assim, os sujeitos apropriam-se da escrita com o intuito de interagirem nos diversos contextos sociais.

2.3 A LÍNGUA E SUAS VARIAÇÕES: O PAPEL DA LÍNGUA NOS CANAIS DO YOUTUBE

A necessidade de se comunicar é uma característica do ser humano, antes mesmo de existir a escrita. Por isso, sabemos que existem diferentes formas de se comunicar, sendo a principal delas a língua. O campo da Sociolinguística, por sua vez, preocupa-se com o estudo do uso real da língua, em que se dá a comunicação humana, ou seja, da relação existente entre a sociedade e a linguagem. Dessa forma, a língua pode sofrer variações em determinadas comunidades de acordo com o tempo e o espaço, faixa etária, nível de escolaridade, dentre outros fatores da sociedade. Assim, de acordo com Bizzocchi (2006, p. 3),

[...] as línguas são organismos vivos, que nascem, crescem, se reproduzem e morrem. Na verdade poderiam ser comparadas com mais propriedade a espécies biológicas. [...] E assim como acontece com as espécies biológicas, os idiomas evoluem, sucedendo às vezes de uma língua tornar-se duas ou mais, ou extinguir-se sem deixar descendentes. [...] As línguas evoluem por mutação [...] Essas mutações se acumulam e ocorrem simultaneamente, mas com resultados diferentes em todo um território.

Sendo assim, a variação/mudança da língua é algo natural e constante, sendo a Sociolinguística uma das áreas responsável por esse estudo. Contudo, a sociedade sofre, no decorrer dos anos, mudanças culturais e históricas, fazendo com que a língua também sofra variações, de forma que marcar as mudanças estruturais linguísticas como formas certas e erradas pareça ser contraditório ao que estamos vivendo. Segundo Cagliari (1999, apud Silva, 2011, p. 81), “todas as variedades, do ponto de vista estrutural linguístico, são perfeitas e completas entre si. O que as diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade”, ou seja, as variações sofridas pela língua ocupam um status, em que a posição do falante em nossa sociedade é o que vai determinar o que é dito ou não como “erro”. Ainda, segundo Alkimim (2001, p. 21), “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano.”

Assim, a língua possui inúmeras variações, de acordo com a comunidade, a região, a faixa etária, o nível de escolaridade, as condições socioeconômicas, entre outros, a que os falantes estão expostos. Sabe-se que, de acordo com Scherre (2005, p. 43-44), infelizmente, “língua é também instrumento de poder; língua é

também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão”. Por isso, infelizmente, as variações da língua muitas vezes são estigmatizadas, pois a norma-padrão, não falada por grande parte da população, mas que é mais bem aceita, devido à escola que, muitas vezes, nos impõe, é mantida com maior prestígio, comparadas às demais variações. Assim, quanto mais distante uma variante estiver da norma-padrão, mais será considerada uma forma não prestigiada, conforme diz Bizzochi (2006, p. 2): “Alguns falares, mesmo próximos da língua-padrão, são estigmatizados por motivos históricos ou sociais.” Nesse sentido, pode-se dizer que a língua é viva: nasce, cresce, se transforma e também pode morrer, o que irá depender da comunidade de fala.

Nas escolas, em grande parte, é ensinada a norma-padrão, enquanto isso são as variações que se fazem presentes na vida dos indivíduos. Dessa forma, o preconceito linguístico é um fato bastante presente e velado dentro das instituições de ensino de todo o Brasil. A escola deve ter a função de socializar o indivíduo, possibilitando que as variações linguísticas de cada um não tenham uma interferência em suas práticas sociais, ou seja, que não tenham medo de falar ou escrever por receio de ser estigmatizado ou sofrer preconceito linguístico. Porém, na prática, não é o que acontece, pois sempre haverá aqueles alunos que “dominam” a norma-padrão, e a educação acaba direcionando os alunos para o reconhecimento da norma-padrão e o descaso perante as variações.

Assim, é papel da escola proporcionar que os alunos tenham, desde crianças, o acesso ao ensino com diferentes formas de variedades linguísticas, fazendo com que, quando adultos, sejam capazes de adequar sua fala aos contextos em que ocorre a interação, respeitando as variedades linguísticas dos usuários da língua. Também deve ensinar que existem, por todo o Brasil, diferentes formas de falar, e que nós, cidadãos, devemos respeitá-las pois fazem parte da nossa língua. A norma-padrão é uma língua modelo, um molde sociocultural que não corresponde às diversas variedades sociolinguísticas existentes no Brasil, sendo apenas uma forma “ideal”.

Marcos Bagno (1999), em seu livro *Preconceito Linguístico*, explica que o fenômeno da palatalização da pronúncia é diferente em diversas regiões do Brasil e muitas vezes é alvo de preconceito por pessoas que julgam pertencer a um lugar superior ou melhor. Para o autor, a questão não é a língua, mas o falante e a região geográfica onde ele vive. Assim, esse preconceito linguístico é sustentado pela

crença de que existe uma única língua portuguesa digna, que é a língua ensinada nas escolas, elencada nas gramáticas e nos dicionários. Assim, recorreremos ao que diz Bagno (1999, p. 9):

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.

Com isso, o preconceito linguístico é de caráter social, no qual as pessoas pobres ou do interior não sabem falar corretamente o Português, não importando a sua cultura ou a sua formação. Por isso, devemos respeitar o modo de falar do outro, afinal isso é uma consequência do ambiente do qual o indivíduo faz parte. Nesse sentido, muitas pessoas têm receio de falar e de escrever errado, especialmente em público. Nas redes sociais, é muito fácil perceber essas variações na escrita, uma vez que as redes são espaços informais, em que os usuários escrevem de forma informal, utilizando gírias e abreviações. Camacho (2010, p. 42) afirma ser uma necessidade de todo e qualquer ser humano,

Ter interiorizadas em sua competência linguística as formas alternativas da variedade-padrão, ou de prestígio, e da variedade não padrão, que pode também ser estigmatizada, sobre as quais ele pode operar seleção conforme variam as circunstâncias de interação.

Dessa forma, muitas pessoas desconhecem a variação linguística e, às vezes, até incentivam o preconceito linguístico na sociedade através de diversos mecanismos, sendo um deles a internet que, nos últimos anos, se popularizou de tal forma que até mesmo pessoas consideradas de baixa renda e sem educação formal de qualidade, que antes não tinham condições de ter acesso à rede, estão se conectando cada vez mais. Em contrapartida, nota-se que houve um aumento no número de pessoas que observam e reclamam dos erros gramaticais nas publicações que são feitas nas redes, gerando preconceito linguístico e discursos preconceituosos, mascarados de ‘bom português’, o “português correto”.

Em vista disso, a *youtuber* Marcela Tavares criou um canal no *YouTube* para "ajudar" as pessoas a escrever e falar melhor, no entanto utilizando expressões de baixo calão e gerando preconceito linguístico a partir de seus vídeos “Não seja burro”. No título já encontramos uma forma de preconceito, pois é inadmissível que um indivíduo seja taxado como burro por não seguir a norma-padrão da Língua

Portuguesa Brasileira, o que, muitas vezes, na fala da atriz, tem a ver com ortografia. Nesse sentido, deve-se considerar ainda que Marcela não é professora de língua portuguesa, ou seja, tem pouco conhecimento a respeito das variedades linguísticas presentes em nossa língua, bem como das especificidades de cada região.

Em seus vídeos, ela utiliza a língua de maneira informal, na maioria das vezes gritando, em tom histérico. Em uma entrevista sua na internet, quando questionada se já havia pensado sobre as pessoas que poderiam se sentir ofendidas, ela diz que muitos professores agradecem a ela pelos vídeos e que os mesmos mostram para os alunos em sala de aula. O que se deve questionar é: como professores exibem em sala de aula esses vídeos que incentivam e propagam o preconceito linguístico? Deve-se repensar essas práticas em sala de aula, uma vez que estamos falando do presente e do futuro de nossos alunos e não queremos que eles sejam pessoas preconceituosas, mas, sim, que respeitem as variações linguísticas do nosso Brasil.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O Brasil tem como característica uma imensa diversidade linguística, tendo em vista suas diferentes regiões, culturas e etnias. Percebemos que, ainda hoje, o ensino é guiado de acordo com a norma-padrão e que, quando as pessoas se deparam com uma variação da língua, muitas vezes dita algo que lhe foge da prescrição como um “erro”, uma vez que a norma dita “padrão” é tida como a única forma correta e exclusiva a ser seguida, sendo menosprezadas suas variações. Bagno (2015, p. 79) já diz que “existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo.”

Deve-se levar em consideração que as diversas formas de falar da língua portuguesa brasileira e os vários tipos de variações são resultantes das diferentes maneiras de ser e de viver das pessoas, um instrumento de identidade do nosso povo, que não deve ser usado para subestimar ou ridicularizar a capacidade do falante brasileiro, o que resulta no preconceito linguístico. Como afirma Gomes (2009, p. 76):

Esse preconceito é fruto de uma história de prescrição da gramática normativa, que nos acostumou a achar que toda forma diferente das regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são “erradas”. É fruto de uma tradição de tratamento da língua como um sistema rígido de leis a serem cumpridas, e aquele que não cumpre é “julgado e condenado” por isso.

Dessa forma, através dos vídeos da atriz e *youtuber* Marcela Tavares, surgiu o interesse em analisar as referências linguísticas e as formas de preconceito linguístico presente em seus vídeos, nos quais ela considera e intitula quem tem o “falar incorreto” ou comete erros gramaticais do Português como pessoas burras e com “problemas”. A atriz Marcela Tavares, quando interpelada sobre seus vídeos afirma:

Lendo alguns (muitos) comentários, vi que as pessoas ainda insistem em escrever errado por pura preguiça. Hoje em dia, na geração mimimi, todo mundo se ofende por qualquer coisa, o importante é que recebo mensagens diárias de professores me agradecendo, que passam o vídeo na sala de aula e que estão escrevendo cada vez menos “ANCIOSO”. As pessoas que não tiveram oportunidade de estudar e que não tem acesso à internet (porque hoje o Google é o maior dicionário do mundo), ok, é compreensível, mas com a criança de 12 anos que escreve “COM MIGO”,

vou continuar gritando. (TAVARES, 2016 apud SALVADO, 2016, não paginado).

Assim, verifica-se que a *youtuber* se propõe a ensinar as pessoas a “falar e a escrever melhor”. Por isso, esta pesquisa focará na análise do preconceito linguístico presente nos vídeos produzidos pela *youtuber* Marcela Tavares em seu canal no *YouTube*. A escolha desse objeto se fez devido ao grande crescimento do número de usuários que visualizam seus vídeos, além dos comentários gerados pelos mesmos.

Nesse viés, focarei nos três primeiros vídeos intitulados como “Não seja burro #1, #2 e #3”, postados em seu canal no *YouTube* “Marcela Tavares”, os quais têm a proposta de ensinar as pessoas a falar/escrever melhor para “serem pessoas mais felizes”, segundo a *youtuber*. Atualmente seu canal possui mais de 700 mil inscritos, sendo grande parte pessoas jovens em idade escolar.

Assim, a *youtuber*, nos três vídeos intitulados “Não seja Burro #1, #2 e #3”, demonstra diversas formas de preconceito linguístico ao gravá-los, promovendo, desse modo, que seus seguidores escrevam mensagens irônicas e preconceituosas àqueles que falam “errado”. Para isso, irei transcrever e analisar os vídeos da *youtuber*, articulando-os com os estudos sobre o preconceito linguístico e como esse ocorre, selecionando as partes que utilizarei em meu trabalho e fazendo sua análise, de acordo com as variedades linguísticas e questões ortográficas presentes.

Sendo assim, partirei das hipóteses de que, como a grande maioria das pessoas, Marcela Tavares pensa que a língua portuguesa brasileira é uma ao invés de heterogênea e dotada de diversas variações, e que há uma mistura em termos de ortografia (às vezes fonologia) e sintaxe na fala de Marcela Tavares (inclusive com formas variantes – às vezes estigmatizadas – em sua própria fala), tópicos pelos quais ela discute a língua portuguesa e que serão analisados a seguir.

3.1 OBJETO DE ESTUDO

A atriz e *youtuber* Marcela Tavares é formada pela Casa de Artes Laranjeiras (CAL), possui aproximadamente 30 anos e ficou famosa na Internet ao iniciar um canal no *YouTube* intitulado com o seu nome. Além de comediante e muito polêmica, ela vem ganhando cada vez mais seguidores em suas redes sociais.

Atualmente, possui mais de 700 mil inscritos em seu canal do *YouTube*, além de mais de 5 milhões de seguidores no *Facebook*.

Nesse sentido, a escolha desse objeto de pesquisa se fez devido ao fato de muitas pessoas interagirem em seus vídeos, apoiando as atitudes preconceituosas de Marcela com relação ao modo de escrever e falar de inúmeras pessoas de nosso país, os quais ela julga “incorretos”. Além disso, a *youtuber* relata que essas pessoas que falam e escrevem “errado” são pessoas burras e com “problemas”, ou seja, ela não leva em conta as variações linguísticas existentes em nosso país.

3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Ao considerar a língua em sua dimensão heterogênea, ou seja, a sua diversidade, deve-se considerar também os falantes que a utilizam porque a língua possui muitas formas de uso. Essas formas dependem de fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos), como o meio social, socioeconômico, cultural ou da situação de comunicação nas quais os falantes se encontram, uma vez que os diferentes usos ocorrem pois as pessoas não falam da mesma maneira, o que dependerá dessas situações mencionadas acima. Sendo assim, a variação é um fenômeno característico das línguas.

Levando em conta os vídeos que serão analisados de Marcela Tavares, intitulados “Não seja Burro #1, #2 e #3, faremos a seleção de alguns aspectos que serão analisados posteriormente, os quais ela considera “erros” de fala e escrita cometidos pelos falantes da Língua Portuguesa Brasileira. Esses aspectos serão classificados de acordo com os níveis: fonológico, ortográfico, sintático, bem como a própria fala da Marcela Tavares, na qual comete vários desses “erros” que ela julga incorretos em seu relato.

As variações fonológicas são os diferentes modos de pronunciar os sons da língua do Português brasileiro. É o caso de palavras como *Cráudia*, *praca*, *pranta*, em que os falantes transformam o “l” em “r” dos encontros consonantais, fenômeno chamado rotacismo. Quem faz a troca dessas letras está apenas acompanhando o fenômeno rotacizante da língua, em que muitas palavras, principalmente do Latim, passaram por um processo de evolução, no qual o “l” se transformou em “r”,

processos intitulados como metaplasmos. Podemos citar outros exemplos como: *plaga* → praia; *esclavu* → escravo; *ecclesia* → igreja; dentre outros.

Outro tipo de variação é a sintática, que consiste nas diferentes formas de combinação de signos linguísticos para a formação de sentenças. Existem diversos fatores que propiciam essas variações sintáticas – e elas estão diretamente relacionadas ao contexto comunicativo dos falantes. Assim, é possível, tendo em vista a diversidade inerente às línguas naturais, a construção de inúmeros enunciados que possuam uma significação semelhante, como nas frases “Eu vi ele” e “Eu o vi”. A primeira frase geralmente é estigmatizada e está em oposição ao padrão normativo da gramática, já que, segundo a gramática tradicional, os pronomes pessoais do caso reto não devem ocupar a posição de objeto direto. Nesse caso, deve-se usar o pronome oblíquo, como na segunda frase (“Eu o vi”). Essa variação sintática vai depender, portanto, do grau de formalidade da ocasião comunicativa, ou seja, de fatores externos à língua.

Além disso, a fala das pessoas a nossa volta, em situações informais, descontraídas, costuma aplicar a “regra” do plural do português considerado não-padrão. No português formal, utilizamos a concordância de número, e, no português não-padrão, a “regra” é marcar somente uma palavra para indicar o plural, sendo a marca indicadora de plural geralmente utilizada apenas no artigo, como em “as casa”, “os carro”. Quando não há artigo, ela vai para a primeira palavra da frase a ser pluralizada, que pode ser um substantivo “terras brasileira” ou um adjetivo “fortes mesa”, por exemplo.

Por fim, também irei verificar a fala da própria Marcela Tavares, na qual ela comete muitos “erros” dos quais julga incorretos, bem como o preconceito linguístico que ela utiliza em sua fala, os quais serão analisados a seguir, considerando que ela não leva em conta as variações linguísticas existentes em nosso país.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, irei selecionar (em negrito) e analisar os trechos/palavras dos vídeos intitulados “Não seja burro #1, #2 e #3” da *youtuber* Marcela Tavares, articulando-os com as questões ortográficas, sintáticas e variações fonológicas, bem como a própria fala da Marcela Tavares (sublinhado), na qual ela comete vários desses “erros” que ela julga incorretos em seu relato, bem como o preconceito linguístico praticado (em anexo).

Sendo Marcela acusada constantemente de preconceito linguístico, selecionarei um trecho do seu *show* de *Stand-up* “Danos Morais”, no qual ela comenta sobre a acusação. Ressalto que a mesma não fará parte da análise de dados, mas nos cabe apontar o que ela entende por preconceito linguístico.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS: VÍDEO 1

Quadro 1 – Variação fonológica

Fazendo x fazeno	Falando x falano	Cantando x cantano
-------------------------	-------------------------	---------------------------

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 2 – Ortografia

Mau x mal	Mais x mas	A gente x agente
Com certeza x concerteza	De repente x derepente	Esseção x exceção
Nada a ver x nada haver	Ancioso x Ansioso	Umbigo x imbigo
Sobrancelha x Sobramcelha	Menos x menas	Um grama x uma grama

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 3 – Variação sintática

Fazem x faz	Mim x eu	Plural do português não-padrão
--------------------	-----------------	---------------------------------------

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 4 – Preconceito Lingüístico

“... você não é índio”	“Me fala qual o seu problema?”	“(...) a palavra que é mais escrita errada por essas pessoas maravilhosas desse Brasil (...)”;
“Você acha que você vai ter amigos, você acha que você vai conseguir conquistar o mundo falando errado...”	“Agente de merda”	“É sempre menos, infeliz”
“Aurélio fica puto quando lê isso aí”	“Sua anta”	“Oh imbecil”
	Cantor de funk	

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 5 – Variações na fala de Marcela

A gente x nós	Tu merece x tu mereces	Sabe x sabes
Assisto seus vídeos x assisto aos seus vídeos	Não sei aonde x não sei onde	Tu tem que x tu tens de
Tu fala x tu falas	Assistir os vídeos x assistir aos vídeos	Dos amigo x dos amigos
	Pro (a) x para o (a)	

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Podemos observar que, na variação fonológica, no caso das palavras *cantano* (cantando), *correno* (correndo) e *sorrino* (sorrindo), nota-se a queda do fonema /d/ na forma do gerúndio (-ndo), no qual ocorre a redução do fonema /d/ para -no. Essa é uma situação muito comum na língua portuguesa falada no Brasil. Até mesmo

falantes escolarizados em situação informal, em uma fala mais acelerada, costumam pronunciar verbos no gerúndio com a terminação *-no*. Isso ocorre, pois as consoantes /d/ e /n/ pertencem a uma família de consoantes chamadas alveolares, ou seja, para serem pronunciadas, essas necessitam que a ponta da língua (ápice) ou a porção dianteira da língua (pré-dorso) entre em contato com os alvéolos dos dentes incisivos superiores, como nas palavras “nenê” e “dado”.

Dessa forma, por serem produzidas na mesma zona de articulação, essas consoantes vão sofrer esse processo intitulado assimilação, que resulta na aproximação total ou parcial de fonemas devido à influência de um sobre o outro — nesse caso do /d/ pelo /n/: *cantano* (por ‘cantando’), *correno* (por ‘correndo’), *sorrino* (por ‘sorrindo’).

Na segunda categoria de análise, há o caso de palavras analisadas na questão ortográfica com variação fonológica, como em “mau x mal”, em que o /l/, para algumas pessoas, é pronunciado com som da semivogal [w] e, por isso, as pessoas acabam escrevendo com a letra “u”. Sendo assim, observa-se que ocorre o processo de vocalização, em que há a transformação de consoante (lateral) em vogal. Vejamos outros exemplos: *Brasiu* (por ‘Brasil’), *méu* (por ‘mel’), *tau* (por ‘tal’), etc. Portanto, pode-se afirmar que ocorre um processo de neutralização entre esses dois fonemas quando esses ocorrem em final de sílabas. Essa forma se mantém principalmente no Sul do país e, de acordo com Câmara Jr. (1977, p. 31),

[...] o contraste entre /l/ e /w/ depois de vogal não deve ir ao ponto de se articular o /l/ depois de vogal exatamente como o /l/ antes de vogal. Salvo no extremo sul do país, (...) e dá a impressão de haver um ligeiro /l/ depois do /l/ de maneira que uma palavra como *cal* quase se confunde com *cale* ou *mel* com *mele*.

A variação entre a velarização e a vocalização do /l/ é determinada por fatores extralinguísticos (região e idade). Faraco (2007, p. 12) aponta que o fator idade é bem relevante no estudo desse fenômeno:

Se contrastarmos o português falado hoje na maioria das regiões brasileiras, por pessoas de gerações bem diferentes, vamos observar, por exemplo, que na fala dos mais idosos (digamos a geração de 75 anos), o último som de palavras como *mal*, *papel*, *lençol* é ainda, no mais das vezes, uma consoante lateral, semelhante ao primeiro som de palavras como *lama*, *leite*, *lado*; enquanto na fala de outras gerações o último som é a semivogal /w/, idêntica ao último som de palavras como *mau*, *céu*, *vendeu* (principalmente entre os falantes da classe média urbana).

É por isso que, no português do Brasil, tende-se a substituir a variante velarizada pela vocalizada, já que na fala das pessoas mais novas há o predomínio da vocalização. Outro processo a ser discutido é o “mas x mais”, em que há o surgimento de um glide em palavras como *faz*, *mas*, *nós*, uma expansão do monotongo para ditongo, e isso acontece somente em sílaba tônica e em posição final de palavra. O uso da ditongação é atestado em diversas regiões brasileiras e estudado por diversos autores. Por exemplo, Leiria (1995) investigou dados de fala da região Sul e considerou apenas sílabas tônicas finais, destacando alguns fatores linguísticos relevantes para a formação do ditongo, como a qualidade da vogal e o ponto de articulação da consoante. Aquino (1998, 2004) analisou dados do Nordeste, constatando que os fatores linguísticos possuem maior influência que os fatores sociais, como a tonicidade da sílaba e a qualidade da vogal. Ainda assim, os dados revelaram que os falantes com maior nível de escolarização inibem a aplicação da forma ditongada.

Nas palavras “a gente x agente”, “de repente x derepente” e “com certeza x concerteza”, Oliveira (2005, p. 38-40) considera que essa é uma questão ligada ao plano gramatical, o que resulta na junção intervocabular, uma hipossegmentação, ou seja, a ausência não-convencional da fronteira entre palavras, como em: com certeza → concerteza, de repente → derepente, a gente → agente, exemplos citados acima.

Sobre os casos das palavras “essecção x exceção” e “ansioso x ancioso”, Lemle (2004) denomina esse processo como “concorrência”, ou seja, quando duas ou mais letras representam o mesmo som, como é o caso do fonema surdo /s/ que, ortograficamente, pode ser representado de diferentes maneiras, como em “/conheser/ → conhecer”, “/dise/ → disse”, “/ecesão/ → exceção”, “/pas/ → paz”. No vídeo, Marcela diz que “Ansioso não se escreve com C de cavalo, sua anta, ansioso é com S”. Neste caso, Marcela tem razão, pois a letra C de cavalo é representada pelo fonema [k] de /'kazə/, por exemplo, enquanto /ansioso/ é representado pelo fonema surdo [s], como explicado anteriormente.

No caso de “nada haver x nada a ver”, a primeira significa a não existência de algo; enquanto a segunda significa que não há nada a ser visto. O falante troca devido a uma confusão fonética, ou seja, se guia apenas pelo som das palavras. No caso de “sobancelha x sobramcelha”, a regra é usar /m/ antes das consoantes /p/ e

/b/ e, por isso, nos demais casos, usa-se a consoante "n". O falante faz esta troca devido a ambos serem sons nasais e bilabiais.

Já na palavra “umbigo → imbigo”, essa questão ortográfica ocorre no nível fonético e se dá através da troca de sons e letras, principalmente no aspecto vocálico. As vogais /i/ e /u/ são altas e, por isso, o trato vocal se encontra mais fechado para o escape de ar, conhecidas também como “fones fechados”. A diferença é que a primeira é classificada como anterior e a segunda, posterior, sendo que, nas vogais anteriores, a língua se projeta em direção aos lábios, enquanto nas posteriores se encontra retraída em direção à faringe. Sendo assim, devido às vogais altas [i] e [u] terem próximo o modo de articulação, são trocadas de acordo com a aproximação do nível central fonético.

Muitos falantes também se confundem ao falar as palavras “menos x menas”, pois, no momento de aplicar a regra de concordância nominal, aplicam a regra geral, na qual o substantivo concorda com seus determinantes em número e gênero. Porém, “menos” é uma palavra invariável, ou seja, não possui flexão, ela não muda, não sendo necessário aplicar a regra geral. O mesmo ocorre em “um grama x uma grama”, em que o falante flexiona o artigo de acordo com o gênero do substantivo. O –a átono no final da palavra remete a ser uma palavra feminina, porém algumas palavras terminadas em –a não correspondem exatamente a palavras femininas, como: tema, problema, sistema, poeta, diploma, esquema, panorama. Além disso, palavras como “quilograma” e “miligrama” continuam sendo usadas no masculino: um quilograma, um miligrama.

A seguir, encontram-se as palavras “fazem x faz” e “mim x eu”, ambas variantes sintáticas (no sentido de concorrentes sintáticos). No primeiro caso, o sujeito é inexistente, pois é um verbo impessoal. Por isso, é comum que, na terceira pessoa do plural, quando o verbo *fazer* é seguido de substantivo no plural, o falante toma também o verbo no plural. Nesse caso, o correto seria: “*Faz* cinco dias” e não “*Fazem* cinco dias”. No segundo caso, embora o sujeito seja “eu”, pode-se dizer que o uso do pronome oblíquo “mim” já se consagrou como sujeito do infinitivo, sempre que vier precedido da preposição “para”, como: *para mim fazer, para mim ajudar, para mim escolher*. A construção “*pra eu fazer*”, prescrita como correta pelas gramáticas, caiu em desuso, muitas vezes gerando estranheza por parte dos falantes brasileiros. Ainda assim, existe uma regra que diz que, depois de

preposição, deve-se usar pronome oblíquo; e, ao mesmo tempo, temos outra regra que nos diz que, na função de sujeito de um verbo, o pronome deve ser reto.

Referente ao plural do português não-padrão, em que Marcela cita que deve-se usar o plural sempre, salvo que “você queira ser um cantor de *funk*, aí está liberado” (preconceito linguístico), encontramos as marcas redundantes do plural para indicar que estamos falando de mais de uma coisa, ou seja, acrescenta-se o –s em algumas palavras da frase para que haja concordância em número. Porém, no português não-padrão, a regra é mais simples: marcar somente uma palavra com plural para indicar um número de coisas maior que um, sendo utilizado somente no artigo definido e, quando não há artigo na frase, o plural passa para a primeira palavra do grupo a ser pluralizado, geralmente um substantivo ou adjetivo, como um sinal de que aquele grupo de palavras está no plural. Essa “regra” é aplicada em qualquer situação (e não apenas em situações informais como se pensa), em que mesmo pessoas mais cultas utilizam essa forma de português não-padrão. É interessante que, nas escolas, sejam mencionadas essas questões para que os alunos tenham esse conhecimento das variedades da nossa língua. Afinal, essas diferenças quase sempre são consideradas como “erros” pelas pessoas que não compreendem e não possuem conhecimento dessas marcas no português brasileiro não-padrão.

Por fim, encontram-se marcas do preconceito linguístico usado por Marcela Tavares no vídeo #1. A primeira delas é o fato de ela referir-se ao índio como um estereótipo, dizendo que o telespectador não é índio pra falar “mim”. Nota-se que ela provoca extremo preconceito perante essas pessoas, uma vez que ela justifica a fala “incorreta” desses falantes como mecanismo de exclusão social, de separação e segregação, sendo que, como explicado acima, a forma “mim” não está incorreta, mas é criado um estereótipo de que quem fala “mim” é índio.

Outras marcas de preconceito na fala de Marcela são as frases: “Me fala qual o seu problema?” e “(...) a palavra que é mais escrita errada por essas pessoas maravilhosas desse Brasil (...)”: na primeira frase, ela afirma que as pessoas que escrevem “derepente” têm problemas, questionando ainda sobre o que passa na cabeça dessas pessoas para escreverem dessa maneira. Porém, o que acontece é a junção intervocabular, uma hipossegmentação, ou seja, a ausência não-convencional da fronteira entre palavras, como em: com certeza → concerteza, por exemplo, como explicado acima, em que o falante está escrevendo da forma como

costuma falar. Na segunda sentença, nota-se que Marcela satiriza as pessoas brasileiras, chamando-as de *maravilhosas* num tom de voz irônico. Tudo isso se deve ao fato de ela julgar que o modo de escrever das pessoas está incorreto. O fato é que muitos costumam escrever do jeito que falam, sendo a escrita uma representação gráfica, pictórica e convencional da língua falada. Afinal, não existe nenhuma ortografia em nenhuma língua do mundo que consiga reproduzir a fala com fidelidade.

Não existem “erros” de português, mas, sim, “erros” de ortografia, aquela que a gramática nos impõe. Na verdade, Marcela já inicia o preconceito linguístico através do título de seus vídeos: “Não seja burro”. Ou seja, intitula quem escreve “errado” como pessoas burras. Não é porque o falante escreve “derepente” ou “ancioso” que ele sabe menos, não é letrado, é inferior a outros ou “burro”, como ela menciona. Ele simplesmente está escrevendo de acordo com o som com a qual a palavra é pronunciada. A gramática normativa quer estabelecer a norma culta como o modelo a ser seguido, nos mostra a língua como um pacote fechado, pronto e acabado, esquecendo que a língua é viva, dinâmica e está em constante transformação.

Ainda sobre a fala de Marcela, encontram-se algumas variações em sua fala, muitas das quais ela aponta como erro ao se dirigir aos telespectadores, como “tu merece”, “tu sabe”, “tu tem que” e “tu fala”, porém a própria Marcela não utiliza a conjugação da segunda pessoa do singular, marcando-a pela desinência número-pessoal -s. Outra questão é a variação “dos amigo x dos amigos”, em que ela não coloca o /s/ em “amigo” o que, como explicado anteriormente, estaria incorreto, pois deveria estar com marca de plural; note-se aqui o uso do português não-padrão usado por Marcela, o mesmo tão menosprezado pela atriz.

Em “assistir os vídeos” e “assisto seus vídeos”, o verbo “assistir” se refere ao sentido de ver, empregado como transitivo indireto, ou seja, exige-se objeto indireto com a preposição *a*: assistir aos vídeos, assisto aos seus vídeos, consoante o dicionário de regência verbal de Luft (2010). Com relação a “não sei aonde x não sei onde”, Cunha e Cintra (1985, p. 342–343), em sua gramática, explicam que:

Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre **onde** (= lugar em que) e **aonde** (= lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos. (grifos dos autores).

Porém, segundo Bagno (2009, p. 256), “não existe distinção semântica entre *onde* e *aonde* em português, seja no Brasil ou em Portugal, nem na língua escrita, nem falada.” Ainda segundo Bagno (2009, p. 256), “diversos escritores como Camões, Padre Antônio Vieira e Machado de Assis não marcaram essa diferença em seus textos, o que mostra que trata-se de um emprego que o falante tende a não fazer distinção.”

Com relação aos pronomes “a gente x nós”, ambos são variantes da primeira pessoa do plural, os quais “concorrem” em uma variável. Porém, o uso que marca a palavra *nós* em comparação com *a gente* é diferenciado. As duas formas são muito usadas em nossa sociedade, sendo que alguns falantes usam as duas, marcando-as de forma estilística. Ou seja, o valor atribuído pela sociedade é que faz com que uma sentença seja considerada “melhor” que a outra, sendo nessa questão em que se perpetua o preconceito linguístico.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS: VÍDEO 2

Quadro 6 – Variação fonológica

-

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 7 – Ortografia

Vasculhante x basculante	Comprimento x cumprimento	Soar x suar
Mortandela x mortadela	Célebro x cérebro	Mendingo x mendigo
Porque x Porquê x Por que x Por quê	Comigo x com migo	Seje x seja
Xingar x chingar	Meio x Meia	Perda x perca
Estupro x Estrupo	Perturbar x pertubar	

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 8 – Variação sintática

-

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 9 – Preconceito Linguístico

“Criaturinha acéfala”	Pobre do teu pai e do coitado do teu professor que vai me agradecer pelo resto da vida”	“Eu não sei português porque eu sou uma anta”
“O pequeno jumento gostaria de saber por que tirou nota baixa. Tava no WhatsApp”	“Ô imbecil”	“Infeliz”
“Analfabeto”	“Perca do tempo é um tapa que eu vou dar dentro da tua cara se você continuar falando errado”	

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 10 – Variações na fala de Marcela

Cabou x acabou	Vamo x vamos	Tava x estava
	Ma x mas	

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Primeiramente, encontram-se palavras da questão ortográfica com variação foniológica, como “vasculhante x basculante”, as quais sofrem um processo que, segundo Botelho e Leite (2005, p. 6), chama-se metaplasmos de transformação. Esses ocorrem quando o fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema. Nesse caso, ocorre o processo de transformação do fonema /b/ em fonema /v/, que recebe o nome de degeneração, como em: *assobiar* → *assoviar*; *basculante* → *vasculante* (ou *vasculhante*) e *bassoura* → *vassoura*.

Já em “comprimento x cumprimento” e “soar x suar”, o falante faz essa troca, pois se trata de palavras parônimas, ou seja, palavras de sentidos diferentes que apresentam entre si certa semelhança na grafia e na pronúncia, como também em: *comprido* e *cumprido*, *emergir* e *imersir*, *descrição* e *discrição*. No caso de “mortadela x mortandela”, ocorre a nasalização da segunda sílaba, que acontece

devido ao processo de assimilação do traço nasal do fonema /m/. O mesmo acontece em “mendigo x mendingo”, em que há o processo de assimilação do traço da vogal nasal na primeira sílaba /mẽ/, havendo uma extensão desse traço de nasalidade para a segunda sílaba. Ambos os casos são considerados desvios de ortoépia, ou seja, desvios na articulação dos grupos vocálicos e dos fonemas consonantais. Já em “cérebro x célebro”, ocorre o fenômeno chamado rotacismo, na qual os falantes transformam o /r/ em /l/ dos encontros consonantais (alguns estudiosos também as chamam de líquidas).

Em “porque x porquê x por que x por quê”, temos o caso de palavras parônimas, que são palavras escritas e pronunciadas de forma parecida, mas que apresentam significados diferentes. Por isso, o falante precisa saber o sentido de cada uma:

- a) Por que: utilizado para fazer perguntas diretas e indiretas. Pode ser substituído por: por qual motivo, por que motivo, por que razão, por qual razão. Ex.: Por que você estuda?
- b) Porque: utilizado em respostas. Indica causa ou a explicação de alguma coisa, e pode ser substituído por: pois, visto que, uma vez que, por causa de que, dado que. Ex.: Estudo porque quero ser aprovado.
- c) Por quê: usado próximo a um sinal de pontuação. Também pode ser substituído por: por qual motivo, por qual razão. Ex.: Vocês estudam por quê?
- d) Porquê: quando exerce a função de substantivo, aparecendo determinado por um artigo, na grande maioria das vezes. Usado para indicar motivo, causa ou razão de algo. Ex.: Eu sei o porquê da sua dedicação.

No caso de “seje x seja”, o segundo é a forma conjugada do verbo “ser” no presente do subjuntivo, na 1ª ou 3ª pessoa do singular, e ainda no imperativo, na 3ª pessoa do singular. Sendo assim, “seje”, de acordo com a norma culta, não existe na Língua Portuguesa. O mesmo ocorre com as palavras “esteje x esteja”, em que o correto, de acordo com a Gramática Normativa, é a terminação com “a”.

Já em “meio x meia”, seguindo a regra da gramática tradicional, os advérbios não se flexionam, ou seja, não têm feminino e nem plural. Exemplo: *Ela está meio indecisa, a porta está meio aberta* (= um tanto). Porém, quando a palavra “meio” é empregada como adjetivo, concorda normalmente com o nome a que se refere, como em: *Pedi meia porção de batatas* (= metade).

Com relação a “xingar x chingar”, ocorre um desacordo na relação entre fonema e letra, nesse caso, a troca entre <x> e <ch>, em palavras nas quais esses grafemas representam o fonema /ʃ/. Em “perda x perca”, ambos estão gramaticalmente corretos, o que altera é o sentido: “perda” é substantivo, enquanto “perca” é verbo. Nesse caso, se pudermos colocar o artigo antes, como em “a perda” ou “uma perda”, é com “d”. Caso contrário, usa-se com “c” (perca).

Em “estupro x estrupo”, ocorre o processo intitulado metátese, que consiste na transposição de um fonema que está na mesma sílaba ou entre as sílabas, como em: *preguiça* → *perguiça*, *pretender* → *pertender*. Podemos atribuir a esse caso, também, o fato de serem sílabas complexas do tipo CVC e CCV. Esse tipo de estrutura silábica não apresenta contrastes fortes de sonoridade entre os fonemas, o que traz maior dificuldade na segmentação fonêmica (Freitas e Santos, 2001). Por isso, é frequente o falante pronunciar palavras como “flor” e “cravo” com apenas uma das consoantes (“for” e “cavo”). No caso de “perturbar x pertubar”, o processo diacrônico da dissimilação total ocorre quando há duas vibrantes no mesmo vocábulo, em que uma delas costuma ser eliminada, como: *próprio* → *própio*, *apropriado* → *apropiado*. Já em “comigo x com migo”, há alteração caracterizada por separação não convencional das palavras, por problemas de segmentação. Assim, uma palavra pode ser escrita com separação das sílabas. Exemplos: *a sim* → *assim*, *com migo* → *comigo*.

Por fim, verificam-se frases ditas por Marcela em seu segundo vídeo, as quais propagam extremo preconceito linguístico perante as pessoas que falam e escrevem “errado”: “criaturinha acéfala”; “pobre do teu pai e do coitado do teu professor que vai me agradecer pelo resto da vida”; “eu não sei português porque eu sou uma anta”; “o pequeno jumento gostaria de saber por que tirou nota baixa. Tava no WhatsApp”; “ô imbecil”; “infeliz”; “analfabeto”; “perca do tempo é um tapa que eu vou dar dentro da tua cara se você continuar falando errado”. Nota-se que ela utiliza palavras e expressões preconceituosas, intitulando as pessoas como imbecis, analfabetas e infelizes por não saber falar e escrever da forma como ela julga correta, ou seja, de acordo com o que a gramática tradicional nos impõe. Além disso, chama as pessoas de jumento, anta e, ainda, “criaturinha acéfala”. Dessa forma, Marcela denomina as pessoas como burras, sem cérebro, ignorantes e incapazes por não saber falar e escrever de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa Brasileira.

Ainda, selecionamos algumas palavras que apresentam variações na fala de Marcela. Em “vamos x vamo”, nota-se a ausência da forma redundante do plural /s/, que marca a primeira pessoa do plural (desinência de número-pessoa), a qual ela cita como “erro” e que devemos sempre usar o plural (vídeo anterior: “Não seja Burro #1”). Já em e “mas x ma”, há um erro ortográfico semelhante ao “pra”, o que demonstra a informalidade marcada no elemento lexical em questão.

Outra questão são as palavras “acabou x cabou” e “estava x tava”, que ocorre bastante, na língua portuguesa brasileira: a supressão da vogal ou sílaba inicial, como também em: *imagina* → *magina*, *estive* → *tive*, *está* → *tá*, *aparece* → *parece*.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS: VÍDEO 3

Quadro 11 – Variação fonológica

-

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 12 – Ortografia

Soltar x saltar	Excesso	Salsicha x salchicha
Mostrar x amostrar	Escrever x inscrever	Pobrema, poblema, poblema x problema
Registro x resistro	Em bora x embora	Lagartixa x largatixa

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 13 – Variação sintática

Ir à x ir no/na	Onde x aonde
------------------------	---------------------

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 14 – Preconceito Linguístico

(continua)

“Imbecil”	“Pequeno jumento”	“Qual o teu problema?”
“Para de falar errado”	“Retardado”	“Vocês aprendem tanta merda nessa vida”

(conclusão)

“Aurélio tá se revirando no caixão com ódio de você”	“Onde está tua cabeça que você não consegue escrever certo?”	“Tô com ódio de você que faz isso”
	“Não gostou do vídeo? Vai estudar, porque não sabe escrever, tá bom?”	

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Quadro 15 – Variações na fala de Marcela

Ir à x ir no/na	Onde x aonde
------------------------	---------------------

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Iniciamos com as palavras de questão ortográfica com variação fonológica, como em “soltar x saltar”, em que há a troca do /a/ pelo /o/: saltar do ônibus → soltar do ônibus. Nota-se aqui, o caso dos pares mínimos que ocorre, segundo Hyman (1975 apud BATTISTI, 2014, p. 66), quando “dois sons foneticamente similares ocorrem no mesmo ambiente fonético, e se a substituição de um pelo outro implica mudança de significado, esses fones são atribuídos a fonemas distintos.” Nesse sentido, esses pares de palavras são chamados de pares mínimos, como é o caso dos fones [t] e [d] (/teu/ e /deu/) e [c] e [s] (/cem/ e /sem/).

Já em “salsicha x salchicha”, ocorre o fenômeno de palatalização, que consiste na transformação de um ou mais fonemas em um fonema palatal, como também em: *família* → *famílha*, *demônio* → *demônho*. No caso de “excesso”, os falantes costumam confundir o modo de escrita devido ao som das letras na palavra, que é o caso do dígrafo, em que duas letras apresentam um único fonema. Nota-se que na segunda sílaba –xce há o som de [s] e, por isso, muitos escrevem com /c/. O mesmo ocorre na sílaba seguinte –sso, que possui som de [s], mas é escrita, muitas vezes, com somente um /s/ ou /ç/.

Em seguida, nas palavras “mostrar x amostrar”, ocorre um fenômeno chamado prótese, o qual consiste na adição de um fonema no início da palavra, como: *avoar* → *voar*, *assoar* → *soar*. Nota-se uma semelhança quando o falante de Língua Portuguesa está aprendendo a Língua Inglesa em que, ao pronunciar a palavra *sport*, acaba colocando a letra “i” na frente: /isport/. Nas palavras “registro x

resistro”, o fonema [z] é uma fricativa alveolar vozeada e o fonema [ʒ] é uma fricativa alveopalatal vozeada, ou seja, ambos ocorrem na mesma região. Nesse sentido, entende-se que pode ocorrer um problema de fala ou uma variante de *registro*, que são formas equivalentes no que diz respeito à escrita das palavras (para estudos futuros, será revista essa situação).

Em “lagartixa x largatixa”, ocorre o processo intitulado metátese, que consiste na transposição de um fonema que está na mesma sílaba ou entre as sílabas, como também em: *preguiça* → *perguiça*, *pretender* → *pertender*. Já nas palavras “escrever x inscrever”, ambas existem na Língua Portuguesa, porém o falante se confunde com seus significados. “Escrever” significa dizer ou comunicar por escrito, dirigir-se por escrito a alguém, enquanto “inscrever” seria gravar, esculpir ou registrar algo, fazer um cadastro. Nesse sentido, o falante acaba se confundido ao falar/escrever devido à pronúncia do “e” no início de palavra (seguida do fonema /s/): a vogal “e”, seguida de consoantes contínuas (como o fonema /s/) ou nasais, torna-se uma vogal alta (no caso, o fonema /i/), o que pode proporcionar a confusão apontada. No caso de “embora x em bora”, há alteração caracterizada por separação não convencional das palavras, por problemas de segmentação. Exemplos: *a sim* → *assim*, *com migo* → *comigo*.

Agora voltemo-nos às palavras “pobrema, poblema, poblema x problema”, em que ocorre o fenômeno intitulado rotacismo, no qual os falantes transformam o “l” em “r”, ou vice-versa, dos encontros consonantais, como nas palavras: *Cráudia*, *praca*, *pranta*. Também há a supressão do /r/ na sílaba inicial, como em “poblema x problema” e “pobrema x problema”, devido ao processo que vai da sílaba mais simples à mais complexa. Nesse caso, o fato de haver uma sílaba com CCV (*pro-*), faz com que seja uma sílaba complexa, o que gera dificuldade de pronúncia para alguns falantes, especialmente na idade da alfabetização.

Adiante, temos a variação sintática, com palavras como “ir à x ir no/na”. Esse tipo de variação ocorre, pois, de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa, o verbo “ir” estabelece regência com a preposição “a”: *Nós queremos ir à praia*. Mesmo assim, em linguagem informal, geralmente usamos a preposição “em”: *Nós queremos ir na praia*. Isso ocorre também por ser um “brasileirismo”, ou seja, algo que acontece somente no Brasil, pois em Portugal, por exemplo, é natural o falante dizer “ir à”, enquanto para nós, aqui no Brasil, temos o costume de dizer “ir em”.

Embora essa forma seja aceitável na linguagem coloquial, é considerada como “erro” por alguns gramáticos.

Enfim, separamos frases e expressões utilizadas por Marcela que confirmam o preconceito linguístico utilizado por ela: “Imbecil”; “Pequeno jumento”; “Qual o teu problema?”; “Para de falar errado”; “Retardado”; “Vocês aprendem tanta merda nessa vida”; “Aurélio tá se revirando no caixão com ódio de você”; “Onde está tua cabeça que você não consegue escrever certo?”; “Tô com ódio de você que faz isso”; “Não gostou do vídeo? Vai estudar, porque não sabe escrever, tá bom?”. Novamente vemos o retrato de um julgamento preconceituoso, desrespeitando e humilhando os falantes que, segundo ela, falam e escrevem “errado”, sem se preocupar com o resultado e os sentimentos de quem a assiste. Marcela retrata a norma-padrão da língua como instrumento de ascensão social, mas esquece que o domínio dessa forma de falar não faz uma pessoa ser melhor que outra, mais culta e letrada que outra, ou com mais estudo do que os demais, tanto que ela mesma comete desvios na língua, os quais ela mesma julga incorretos, como veremos a seguir.

Outra variação que Marcela comete em sua fala é “você (s) x cê (s)”, que passou por uma grande transformação ao longo do tempo. Antigamente as pessoas diziam “vossa mercê”, após passou a ser “você”, depois “ocê” e hoje encontramos “cê”, que não é a melhor nem a pior comparando as outras formas, apenas considerada por alguns como feia ou deteriorada. Outra variação na fala de Marcela é “motora x motorista”, caracterizada como apócope, um fenômeno fonológico caracterizado pela supressão de um ou mais sons no fim de uma palavra, muito usado na atitude informal de falantes.

4.4 ANÁLISE DO TRECHO DO SHOW DE STAND-UP "DANOS MORAIS"

A *youtuber* inicia dizendo que “odeia pessoas que escrevem errado”, sendo esse o motivo que a leva a fazer os vídeos intitulados “Não seja Burro”, com a proposta de ensinar as pessoas a falar e escrever melhor para serem pessoas “mais felizes”, além de rotular quem tem o “falar incorreto” ou comete erros gramaticais como pessoas burras e “problemáticas”. Marcela fala da Língua Portuguesa Brasileira como se existisse somente uma maneira correta de falar, menosprezando

as variações linguísticas existentes por todo o Brasil. Ela ainda confessa que foi acusada de ser “burrofóbica” por cometer preconceito linguístico, chamando as pessoas de “burras”.

Um aspecto observado muito presente durante o show é o fato de as pessoas acharem graça sobre esse assunto, ou seja, muitos não têm noção do quão sério e importante é essa questão e acabam cometendo preconceito sem se dar conta. Outro aspecto que se pode observar, é que ela diz que preconceito linguístico é “quando você tem preconceito com uma pessoa que escreve errado ou fala errado porque ela não teve acesso à educação, ela não podia ir para a escola, sabe por quê? Porque ela tinha que trabalhar, e se ela não trabalhasse, ela não tinha o que comer dentro de casa”; porém a atriz não tem como filtrar quem assiste aos seus vídeos, uma vez que estão disponíveis nas redes sociais para que qualquer pessoa que tenha acesso veja, independente da escolaridade.

Por isso, ela acaba “atingindo” também esses falantes, que se sentem inferiorizados e incapazes devido aos termos grotescos aos quais intitula quem fala e escreve “errado”, lembrando que a língua deve ser considerada um objeto vivo, dinâmico e, de acordo com Bagno (2006, p.117), “está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição, em permanente transformação”. Também, ao final desse relato, acaba satirizando novamente estas pessoas, dizendo que elas estão “pouco se fudendo se é “mortadela” ou se é “mortandela”. Ela tá disposta a comer os dois”, o que arranca risos da plateia. Ou seja, tem-se uma hierarquia em que a fala das classes mais elevadas são mais prestigiadas, enquanto das classes menos prestigiadas, têm-se a ideia de que, por não dominar a norma culta da língua, esses indivíduos “corrompem” a língua (BAGNO, 2015). Nesse sentido, a não aceitação de variantes por parte da população leva ao preconceito linguístico, como é o caso aqui analisado.

Isso mostra que a escola e o livro didático são referências muito fortes sobre o preconceito linguístico na formação de um indivíduo. O preconceito não é algo “natural”, mas, sim, um comportamento aprendido e isso parte, muitas vezes, das escolas, onde os professores não mostram para seus alunos que existem várias formas de dizer a mesma coisa — diversas variantes na nossa língua e que devemos respeitá-las, sempre. Muitas pessoas assistem aos vídeos da atriz e acham engraçado, legal o modo como fala e, se esses indivíduos não tiverem uma referência sobre a diversidade linguística, acabarão fazendo o mesmo que Marcela,

praticando preconceito linguístico com quem fala e escreve “errado”. Independente se o falante teve acesso à educação, é papel dos demais respeitarem seu repertório linguístico, cultura e história.

A ideia de um país monolíngue ainda é idealizada pelas escolas e pela mídia, o que faz com que não se reconheçam essas questões de preconceito e passa-se a tornar-se algo comum em nosso cotidiano, uma vez que não é feito nada para resolvê-los. Dessa forma, o preconceito linguístico acaba sendo uma arma na mão daqueles que estão no “topo” da pirâmide, com a fala que é mais prestigiada perante as demais variáveis, ou que exerce uma “influência” sobre os demais, como é o caso da atriz e *youtuber* Marcela Tavares. Por ser uma pessoa famosa e ter um canal no *YouTube*, muitos acabam se espelhando nela e aderindo ao seu modo de falar e julgar os demais, perpetuando o preconceito linguístico perante seu público, que recebe esse conteúdo como algo normal, mas esses não têm conhecimento do que isso significa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo retratar e analisar o preconceito linguístico presente na fala da atriz e *youtuber* Marcela Tavares em seus vídeos “Não seja burro #1, #2 e #3”, postados em seu canal do *YouTube*, nos quais ela se propõe a ensinar as pessoas a “falar e escrever melhor”, rotulando quem tem o “falar incorreto” ou comete erros gramaticais como pessoas “burras e problemáticas”.

Com base nessas considerações, lançamos um olhar crítico para o ensino da fala dita “correta” de acordo com a *youtuber*, na qual ela não leva em conta as variações da Língua Portuguesa Brasileira, menosprezando quem tem o falar “incorreto” como pessoas “burras”, “jumentos”, “incapazes”, dentre outras palavras preconceituosas, mencionadas nos vídeos analisados. Durante todos os vídeos, nota-se que Marcela demonstra preconceito linguístico, por mais que ela diga que não faz vídeos para determinadas pessoas; porém ela não tem como controlar quem os assiste e, uma vez que os dispõe na *internet*, qualquer um pode ter acesso e assisti-los.

Pela observação dos aspectos analisados, nota-se, ainda, que Marcela não leva em conta o fato de que, conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 33), “toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”, e que não existe forma certa ou errada de falar, ou uma linguagem padrão, o que muitas vezes é imposto à nós pela sociedade e pelas escolas. Sobre esse último, a escola precisa ter ciência de que, conforme ressaltam Coan e Freitag (2010, p. 4), “quando se diz que a Sociolinguística é o estudo da língua em seu contexto social, isso não deve ser mal interpretado”, uma vez que não se trata de impor a diversidade linguística no ambiente escolar, mas, sim, tentarmos entender o “uso da língua, no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística”, sobre o falante que carrega consigo todos os multilinguismos e sobre a maneira como ocorrem as relações entre a língua e seu funcionamento.

Dessa forma, é preciso mostrar, dentro e fora da sala de aula, que a língua varia da mesma forma que a sociedade varia, e que existem diversas formas de dizer a mesma coisa, uma vez que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes oferecidos pelo nosso idioma. Por isso, segundo Bagno (2015, p. 17-18),

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo de ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais para a identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes (...) também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se não houvesse também variação (mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados.

Em virtude do que foi mencionado, o ensino da língua nas escolas deve dar prioridade ao letramento, ou seja, às práticas que possibilitem a inserção do aluno na cultura letrada, de modo que ele seja capaz de ler e escrever textos dos diferentes gêneros que circulam em nossa sociedade. Para isso, é preciso que os aprendizes saibam ler e escrever, não sendo necessário apenas decorar toda uma nomenclatura gramatical, nem fazer análise sintática e morfológica de frases.

Por isso, nas primeiras etapas da escolarização, não se deve ensinar a gramática propriamente dita, em favor de inserir os alunos na cultura letrada em que vivem. Ao mesmo tempo, é importante inserirmos esses aprendizes nas variedades linguísticas urbanas de prestígio, não por serem a única forma correta de falar, mas para que conheçam e tenham acesso a todas essas variedades culturais mais valorizadas, sendo que isso ocorre através das práticas de letramento em sala de aula, pelo convívio com os gêneros textuais mais relevantes na contemporaneidade.

Sendo assim, as variedades linguísticas acontecem, pois somos nós, os falantes, que mudamos a língua a todo o momento, imperceptivelmente. Vamos alterando as regras de funcionamento, tornando-a mais adequada ao modo de nos comunicar. Isso mostra que não existe língua sem falantes e que essa mudança não é boa, nem ruim, mas simplesmente acontece, e é por isso que devemos lutar contra o preconceito linguístico desde a escola. De acordo com Bagno (2015, p. 311),

O preconceito, seja ele de que natureza for, é uma crença pessoal, uma postura individual diante do outro. Qualquer pessoa pode achar que um modo de falar é mais bonito, mais feio, mais elegante, mais rude do que outro. No entanto, quando essa postura se transforma em atitude, ela se torna discriminação e esta tem de ser alvo de denúncia e de combate. No caso da língua, é imprescindível que toda cidadã e todo cidadão que frequenta a escola (pública ou privada) receba uma educação linguística crítica e bem informada, na qual se mostre que todos os seres humanos são dotados das mesmíssimas capacidades cognitivas e que todas as línguas e variedades linguísticas são instrumentos perfeitos para dar conta de expressar e construir a experiência humana neste mundo.

Infelizmente, esse tipo de preconceito é alimentado diariamente pelos meios de comunicação, como na televisão, em revistas, nos jornais, nos livros e na internet, que pretendem ensinar o que é “certo” de acordo com as gramáticas normativas, excluindo as variações do nosso Português Brasileiro. Sem contar que esse preconceito é dado como “invisível”, pois ninguém percebe e se dá conta que ele existe como um sério problema social que precisa ser combatido. Afinal, a língua está em constante transformação, assim como a sociedade, e já nos dizia Labov (2008) que uma comunidade de fala não se resume a pessoas que falam do mesmo modo, mas que compartilham as mesmas regras com respeito à variedade adotada.

Em vista dos argumentos apresentados, não há nenhuma língua que seja “una”, uniforme e homogênea, ou seja, não existe monolinguismo. A Língua Portuguesa Brasileira, assim como todas no mundo, é viva e heterogênea, além de apresentar variação em todos seus aspectos, tanto estruturais (fonológico, morfológico, léxico, sintático), quanto sociais (variação regional, social, etária). E é nosso dever, enquanto falantes, reconhecer, respeitar e valorizar a verdadeira diversidade linguística do nosso país, uma vez que ela sempre existiu e sempre existirá.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

AQUINO, M. F. S. Uso variável do ditongo em contexto de sibilante. In: HORA, D. (Org.). **Estudos sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Pallotti, 2004. p. 45-54.

_____. **A ditongação na comunidade de João Pessoa**: uma análise variacionista. 1988. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 1998.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 15. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Nada na língua é por acaso**. Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico**. 56. ed. Rev. e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. **Não é errado falar assim!** Em defesa do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Preconceito Linguístico**. Mountain View: Google, 2015. (5 min 49 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRwBwBtx0_s&t=7s>. Acesso em: 16 nov.

BALTAR, M. A. R. A morte do professor de Português e o nascimento do agente de letramento: mudança de conteúdos na escola e mudança de currículos na universidade. In: FIGUEIREDO, D et al. (Org.). **Sociedade, Cognição e Linguagem**. Florianópolis: INSULAR, 2012.

BARWINSKI, Luísa. **YouTube**: como criar um canal? Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/video/2364-youtube-como-criar-um-canal-.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

BASSO L. F. C; KIMURA H., MARTIN D. M. L. **Redes Sociais e o Marketing de Inovações**. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v9n1/a08v9n1.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

_____. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **DELTA**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

BIZZOCCHI, A. A Distância Entre Língua e Dialeto. **Revista Língua Portuguesa**, ano 2, n. 14, dez. 2006

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**. A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. In: CONGRESSO DE LETRAS DA UERJ, 2, 2005, São Gonçalo. **Anais...** Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

CAMACHO, R. G. **Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística**. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502010000100006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CÂMARA JR., J. M. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 1977.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. **Sociolinguística variacionista**: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino. Domínios de Linguagem. **Revista Eletrônica de Linguística**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 1-22, 2. sem. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618/6863>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

COELHO, L. **Modelo de redação**: o preconceito linguístico e seus efeitos em discussão no Brasil. Disponível em: <<https://descomplica.com.br/blog/redacao/modelo-de-redacao-o-preconceito-linguistico-e-seus-efeitos-em-discussao-no-brasil/>>. Acesso em: 7 maio 2018.

COELHO, I. L. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CONTENT, R. R. **Você sabe como criar um canal no youtube?** Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/canal-no-youtube/>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

DANTAS, T. **Youtube**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>>. Acesso em: 30 maio 2018.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2007.

FREITAS, M.; SANTOS, A. **Contar (histórias de) sílabas**. Descrições e implicações para o ensino do Português como língua materna. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

GOMES, M. L. de C. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEIRIA, L. L. **A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /s/**. 1995. 74f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Editora Ática, 2004. v. 16.

LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. São Paulo: Ática, 2010.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: EUFC, 1994.

_____. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

O QUE É SOCIOLINGÜÍSTICA? [S.l.], 3 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.editoracontexto.com.br/blog/o-que-e-sociolinguistica/>>. Acesso em: 2 jun. 2018. Blog: Editora Contexto.

OLIVEIRA, M. A. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 311-323.

PEREIRA, J. C. **A noção de erro na perspectiva da sociolinguística e a gramática normativa**: reflexões sobre ensino da língua materna. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA15_ID7439_08092015200740.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

PRECONCEITO linguístico. [S.l.], 29 nov. 2008. Disponível em: <<https://cogitamundo.wordpress.com/2008/11/29/preconceito-linguistico/>>. Acesso em: 21 set. 2018. Blog: Cogitamundo.

RADTKE, N. G. **Comunicação mediada pelo computador, redes sociais, internet, discurso, linguagem, preconceito linguístico**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/3ajornada/mesas-de-trabalho/comunicacao-mediada-pelo-computador-redes-sociais-internet-discurso-linguagem-preconceito-linguistico/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

RAMOS, F. A.; CARMO, P. E. R. **As tecnologias de informação e comunicação (TICS) no contexto escolar**. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/as-tecnologias-informacao-comunicacao-tics-no-contexto-escolar.htm>>. Acesso em: 5 maio 2018.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, C. B. **Gêneros discursivos e atos de fala no Facebook**: uma análise de posts e memes relacionados às eleições para a presidência do Brasil em 2014. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25626/1/ulfl212799_tm.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2018.

ROLLEMBERG, V. et al. Os pronomes pessoais e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. In: **Estudos linguísticos e literários**. Salvador, n. 11, 1991, p. 53-74.

SALVADO, N. **Geração mimimi**: que não se prolifere e acabe logo', diz facebooker Marcela Tavares. 2016. Disponível em: <<http://www.virgula.com.br/famosos/geracao-mimimi-nao-se-prolifere-e-acabe-logo-diz-facebooker-marcela-tavares/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de Poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHIWINDT, L. C. (org.). **Manual de Linguística**: fonologia, morfologia e sintaxe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/youtube/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

SILVA, J. P. da. **O conceito de erro na sociolinguística**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/110.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TAVARES, M. **Não seja burro # 1**. Mountain View: Google, 2006. (6 min 27 s). <<https://www.youtube.com/watch?v=lluXyWy-hfY>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

_____. **Não seja burro # 2**. Mountain View: Google, 2006. (2 min). <<https://www.youtube.com/watch?v=lluXyWy-hfY>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

_____. **Não seja burro # 3**. Mountain View: Google, 2006. (4 min 48 s). <<https://www.youtube.com/watch?v=lluXyWy-hfY>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; CHIARA, I. G. Di. **Das redes sociais à inovação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2018.

VICTOR, E. **Preconceito social e linguístico no ensino da língua materna**: um olhar sociolinguístico e da análise do discurso. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/preconceito-social-linguistico-no-ensino-lingua-materna.htm>>. Acesso em: 20 maio 2018.

ANEXO A – VÍDEO 1: NÃO SEJA BURRO #1

“Olá Brasil, olá Aurélio, olá Girafales... Tudo bom com vocês? Eu sou Marcela Tavares e hoje **a gente** vai falar sobre Chico Anísio (música). Em pleno século 21, ainda tem gente que escreve e fala errado, que eu não consigo, eu não admito isso, tá, eu não admito... que se você é uma pessoa mais velha e não teve oportunidade de estudar, a gente compreende levemente. Agora se você é uma criança que não faz nada da vida, fica lá na escola ao invés de prestar atenção no que a tua professora tá falando, tá lá no WhatsApp, trincado no Facebook, **tu merece** um (sinal de tapa) ... não pode bater em criança. Você acha que é “manero” falar e escrever errado, **você acha que você vai ter amigos, você acha que você vai conseguir conquistar o mundo falando errado...** é óbvio que não! Então eu, como sou uma pessoa muito “manera”, muito generosa, muito bondosa, já garanti minha cobertura triplex no céu ao lado de São Pedro, eu resolvi ajudar vocês a parar de escrever e de falar errado, aquelas coisas que mais irritam uma criatura no sistema solar (música de fundo, enquanto dança com um óculos sem lentes, duas laranjas no peito e uma caneta na boca).

Vamos começar a aula! **"Agente" junto e "a gente" separado...** **Sabe** o que que é o agente junto?! O "agente" junto é aquele agente lá do FBI, entendeu, é um agente lá de... um agente de moda, um **agente de merda** qualquer, quando você quer falar a gente **“nóis”**, **“nóis”** dois, a gente uma galera, é separado, pelo amor de Deus! (gritando). Para de escrever "agente" junto que isso irrita qualquer pessoa.

"Mas" e "mais"... (cara de nojo). "Mais" com I tem um significado de quantidade, adição. Mas sem o I é uma conjunção com significado de restrição e oposição. Exemplo: Quanto mais eu **assisto teus vídeos**, mais eu gosto de você. Eu queria falar igual a você, maaaaasssssss a minha mãe não deixa.

"Concerteza" junto... quem foi o desocupado que começou a usar isso né, porque **não sei aonde** que "com certeza" é com N e junto, é COM CERTEZA (batendo no quadro) separado e com M.

"Menos" e “menas”... Não importa qual seja a palavra que venha depois, mas o correto é sempre usar "menos". "Menos" é um advérbio e não sofre alteração de gêneros, ou seja, **é sempre menos infeliz**, não é “menas”. Eu tô “menas” cansada hoje... eu to “menas”... “menas” é... gentiii.... olhaaa se.... hummmm... se tu

fala “menas” perto de mim, acabou a tua vida, entendeu? Acabou, é psicólogo **pro** resto da vida.

“**Esseção**” não se escreve com SS, por que as pessoas fazem isso? Inventa, inventa, assim, ah eu acho que é com SS, mas não é, não é. E olha só, coloca uma coisa na tua cabeça e fica falando isso durante uma semana **pra** impregnar aqui (voz de criança) XCCÇ, XCCÇ, XCCÇ, XCCÇ. Grava, grava, decora isso, faz uma música com isso **pra** você aprender escrever “**exceção**”.

A amiga, amiga, para com isso, para com isso, porque não tem nada a ver nós dois, a gente só deu um beijinho, **nada a haver. Nada a ver** tu colocar o verbo “haver” aí nesse babado seu que não tem “nada a ver” com isso. NADA A VER é a mesma coisa do que não ter relação com; não tem nada com verbo, tira isso daí.

Aurélio fica puto quando lê isso aí.

Eu gostaria sinceramente hoje de entender a cabeça de um ser humano que escreve “**derepente**” **junto** (cara de nojo). **Me fala qual o seu problema?** O que que passa na tua cabeça pra você escrever “derepente” junto? “De repente” é separado. De repente é separado. **De repente** é separado (gritando) HÁÁ.

Agora chegamos à campeã, **a palavra que é mais escrita errada por essas pessoas maravilhosas desse Brasil: “Ansioso”**. Ansioso não se escreve com C de cavalo, **sua anta**, ansioso é com S. Coloca... faz uma tatuagem, assim de caneta ó (faz um S no braço) S, S. **Ansioso**. S. S. E fica olhando pra ela assim, o dia inteiro. S, S.

Hoje eu estou de **mau** humor. É só inverter: hoje eu estou de bom humor. Logo, esse “mau” é com U. Cadê... Cadê a dificuldade, cadê o mistério aí, me fala (cai o quadro no chão - cara de assustada). Quebrou o quadro. Cara, hoje “**fazem** dois dias” que a gente tá namorando. O verbo “fazer”, quando exprime tempo, ele é impessoal, porém, contudo, entretanto, todavia, não fazem dois dias, **oh imbecil**, “**faz** dois dias”, faz, faz (junta caneta) faz (gritando).

Mim não é sujeito. Mim... psiu, volta aqui, volta aqui que eu tô falando com você. Mim não é sujeito, não é, não é. Mim não faz nada, mim não pega nada tá, **você não é índio**, e hoje acho que até o índio já sabe que mim não conjuga verbo, tá? É **pra eu**, porra, não é pra mim.

Eu gostaria de informar vocês que “peso” é uma palavra masculina, então parem de pedir “**uma grama**”, é um grama.

Não se diz “**imbigo**”, se diz **umbigo**.

“Táuba” é só de tiro ao Álvaro, o correto é tábua.

Isso aqui que a gente tem no rosto é o que... **SOBRANCELHA**. Tira esse M daí.

Não é “asterístico”, é **asterisco**.

Para de falar o verbo com NO no final. Não é “fazeno”, não é “falano”, não é “cantano”, é “fazendo, falando, cantando”.

Mas agora, com as redes sociais, também as pessoas usam muita gíria, muita abreviação, o que eu não acho errado não, só que na hora da prova, você vai se lascar, porque você não pode fazer isso, então **tu tem que** saber escrever certo. E tu, pelo amor de Deus, coloca plural em tudo. Coloca... às vezes **tu fala** de sacanagem, como eu tô fazendo aqui agora, mas é feio. **Não colocar plural é feio, a não ser que você queira ser um cantor de funk, aí tá liberado não saber plural.**

E hoje eu escolhi uma frase maravilhosa pra encerrar esse vídeo que é a seguinte: (cantando) a pedido **dos amigo**, eles vêm hipnotizando, vem a (...) deslizando, deslizando.

Gostou do vídeo, dá um *like*. Não gostou do vídeo, assiste de novo, quem sabe na segunda vez você goste. Não esquece de se inscrever aqui no canal, de me seguir nas redes sociais, de **assistir os vídeos** anteriores que estão ótimos, maravilhosos. Assiste lá, dá um like em todos também e a qualquer momento, a gente volta com Marcela sem filtro, ou segunda-feira a gente tá aqui, 9 horas, 9 e pouco, 9... 10 e meia... para aí. Tá bom, beijo.”

ANEXO B – VÍDEO 2: NÃO SEJA BURRO #2

“Olá brasil, olá Dilma Rousseff, olá Geisy Arruda... tudo bom com vocês? Eu sou Marcela Tavares e hoje a gente vai falar sobre sofrimento... 5 4 3 2 1... Feliz Ano Novo!!!!!! **“Cabou” né, “cabou”, “cabou”** moleza, acabou feriado **“vamo”** voltar pra realidade. Isso serve inclusive para mim que **“tava”** um pouco sumida aqui no blog também mas óóóó... voltei e voltei com tudo. Pra celebrar essa volta às aulas, pra celebrar esse ano que começou ontem, pra acalmar o meu coração que tá com muita vontade de matar o meu vizinho que tá com uma música alta infernizando a minha cabeça, o vídeo de hoje é para ajudar você, **criaturinha acéfala**, que provavelmente não sabe o que significa essa palavra ao **pobre do teu pai e ao coitado do teu professor que vai me agradecer pelo resto da vida.**

Voltei! Vamos começar com o clássico: **“porque” junto sem acento, “por que” separado sem acento, “porquê” junto com acento e “por quê” separado e com acento** que eu acho a palhaçada esse negócio de porquê, é tudo a mesma palavra, não sei pra que que tem que ficar usando quatro porque **“ma”** têm que usar, já que tem que usar, usa direito. “Porque” junto: usamos o “porque” junto para respostas e ele também pode ser invertido pelo “pois” sem mudar o sentido da frase. Exemplo: **Eu não sei português porque eu sou uma anta.** “Por que” separado sem acento: é usado para fazer pergunta ou então quando esse porque pode ser substituído por um motivo ou razão. Lembrando também que ele pode ser substituído por qual motivo sem mudar o sentido da frase. Exemplo: **O pequeno jumento gostaria de saber por que tirou nota baixa. Tava no WhatsApp.** “Porquê” junto com acento: é usado quando porque tem função de substantivo. Exemplo: se ele é tão idiota, deve ter um porquê. “Por quê” separado com acento: é sempre usado no final da frase.

Sabe aquela janelinha que tem o seu banheiro? Aquilo não é **vasculhante**, é **basculante!!!** **Comprimento e cumprimento:** comprimento quer dizer extensão, dimensão, tamanho. Cumprimento é quando você encontra seu amigo na rua, **ô imbecil**. Quando você encontra uma pessoa na rua, você não cumprimenta ele, você tá entendendo? Você cumprimenta, você cumprimenta (gritando)!

Soar e suar: soar significa emitir som. E suar é assim ó... agora eu tô soando aqui, tá? Quando você transpira **infeliz**, você não soa, você sua, suaaaa (gritando)! **“Iorgute” e iogurte:** não é possível, não é possível que você ainda fala “iorgute” ta?

Araci aparece na televisão o dia inteiro falando daquela desgraça daquela iogurteira Top Therm e tu ainda fala “iorgute”? O que é isso, pelo amor de Deus, vá assistir Sônia Abraão pra você aprender a falar certo é I-O-GUR-TE. Repete comigo: I-O-GUR-TE.

Comigo e “com migo”: aí eu desisto da vida entendeu? Aí eu desisto porque, quem foi o infeliz que começou a falar assim? Não existe “com migo”, não existe, não existe (bate no quadro e ele cai)... Puta que pariu, quebrei de novo... é CO-MI-GO, CO-MI-GO (gritando).

Seje e seja: seja é a forma correta da escrita da palavra. Vem aqui comigo agora, dá sua mãozinha aqui comigo. Vamos juntos conjugar o verbo ser no presente do subjuntivo: que eu seja, que tu sejas, que ele seja, que nós sejamos, que vós sejais, que eles sejam. Cadê o “seje”?

Aí moço, vê 200 gramas de “**mortandela**” aí? Não existe “mortandela”, tira esse N daí. Não é “mortandela”, é **MOR-TA-DELA**. Quero mandar um recado para uma amiga minha, maravilhosa, que não existe “**célebro**”, é **cérebro**. Não se diz “**mendingo**”, é **mendigo**. Não existe essa palavra! **Xingar** se escreve com X, **analfabeto**, de Xuxa.

Meio e meia: meio é um advérbio que não varia, então não é meia, é meio. Meia você calça no pé, meia é meia entrada do inferno que você for. Mas é meio, meio louca, meio chata, meio infeliz. Ah, meu filho, olha... Parece que é mentira mas não é. Ainda tem gente que fala **perca** de tempo. **Perca do tempo é um tapa que eu vou dar dentro da tua cara se você continuar falando errado...** é perda de tempo.

Não se diz “**estrupe**”, se diz **estupro**. Não... não é “**pertubar**” não, é **perturbar**. O que eu disse? (chaves) “Pertubar”. Como é que é? Perturbar. O que eu disse? (chaves) “Pertubar”. Como é que é? Perturbar. E é muito importante também que você aprenda a conjugar um verbo decentemente e, por todos os santinhos que habitam o céu, aprenda a interpretar texto. Por tudo que há de mais sagrado nessa vida aprende a interpretar texto. Sabe por quê? (Bate no cenário e ele cai). Bullying!

E hoje eu escolhi uma frase maravilhosa para encerrar esse vídeo que é a seguinte: **ansioso** se escreve com S, ansioso se escreve com S, ansioso... (bate no cenário e ele cai novamente). E é com cenário quebrado, sem um peito, um pouco suada e descabelada que eu encerro o vídeo de hoje. Gostou do vídeo? Dá um like. Quem não gostou do vídeo, vá ler o dicionário. Não esquece de se inscrever aqui no

canal, de me seguir nas redes sociais e assistir os vídeos anteriores. Ainda não assistiu? Assisti, assisti que é babado. Fala também para os seus amigos se inscreverem aqui no canal porque a gente tá chegando a 100 mil inscritos. Um beijo e até semana que vem, ou a qualquer momento com “Marcela sem filtro”.

ANEXO C – VÍDEO 3: NÃO SEJA BURRO #3

“**Registro** e “**resistro**”: sabe aquela torneirinha que tem na sua casa maravilhosa? Então, sabe quando **cê** pare (SIC) uma criança também, **cê** vai no cartório mostrar pro mundo que ela existe? Isso chama registro! RE-GIS-TRO. Não existe a palavra “resistro”. Eu não sei porque **cês** inventam palavra, falam mais difícil! Para de falar “resistro”, é registro (gritando), é RE-GI-GI-GIS-TRO.

Mostrar e “**amostrar**”: amostra quer dizer, quando você ganha um brinde, quando você ganha um perfuminho assim, da Natura, da Avon, da Jequiti, quando você vai a um médico, o médico vai com a tua cara, te dá um remedinho ali de uma amostra grátis; quando você vai mostrar alguma coisa para alguém, não se diz amostrar, **imbecil**, se diz MOSTRAR, MO, tira esse A daí.

Escrever e **inscrever**: escrever é quando você pega a caneta, um lápis, um carvão, o cacete que for e escreve assim, num papel, aonde for, tá bom? Quando você entra no canal de uma pessoa e quer lá, começar a ver um vídeo, curtir, você não se escreve no canal, você se inscreve, assim como você se inscreve pra porra do vestibular, você se inscreve pro concurso, você não se escreve, você se inscreve.

Ir à e **ir no/na**: quando você vai, você vai a algum lugar, porém, contudo, entretanto, todavia, **pequeno jumento**, você não vai na praia, você não vai no cinema, você não vai no “cabeleleiro”, você vai à praia, ao cinema, ao cabeleleiro, tá entendendo?! “Aí **motora**, para aí que eu vou soltar!”. Me fala uma coisa: **qual o teu problema?** Alguém passou a cola em você dentro do ônibus e grudou lá? Por que você fala “**soltar** do ônibus”? Não existe, não é assim que fala. Quando você quer descer do ônibus, você vai **saltar**, assim como Daiane dos Santos faz saltos ornamentais, você não solta do ônibus, do metrô, do inferno, você SALTAAA, **PARA DE FALAR ERRADO**.

“Aí moço, fala pra mim uma coisa aí. Esse cachorro-quente é de “**salchicha**” ou de linguiça?”. Não, eu não consigo acreditar, não posso admitir que exista alguém ainda nesse mundo que se diz “salchicha”. É mais difícil, ô imbecil, é **SALSICHA**. **Cê** não teve infância não, ô **retardado**? Não assistiu Scooby Doo? Toda hora eles chamando Salsicha. Não se diz “salchicha”, é SALSICHA.

Não se diz “**pobrema**”, **poblema**”, “**poblema**”, é **PROBLEMA**, PROBLEMA. **Vocês aprendem tanta merda nessa vida** agora me explica uma coisa: qual a dificuldade de aprender a escrever “**excesso**”? Me fala, empreguina essa coisa aqui

na sua cabeça pra você não passar vergonha na tua vida mais... X, C, SS... X, C, SS... X, C, SS... Guarda isso pra vida, pra você parar de escrever “excesso” com C e SS, excesso com Ç. Olha, uma hora dessa, uma hora dessa, o **Aurélio tá se revirando no caixão com ódio de você.**

Não se diz “**largatixa**”, é **lagartixa**. **Onde** e **aonde**: “onde” indica permanência, não sugerindo o movimento. É um sinônimo de “em que lugar”, “em qual lugar” e em que parte. Exemplo: **onde está tua cabeça que você não consegue escrever certo?** Onde? “Aonde” é uma palavra formada através da junção da preposição A mais a palavra ONDE. Indica movimento, é o sinônimo de “a que lugar”, “pra onde” e “para qual lugar”. Exemplo: **Ainda não sei aonde vamos parar com você escrevendo “ansiedade” com C.**

Embora e “**em bora**”: me fala uma coisa, querido, **qual o teu problema?** Porque você separa o “em” do “bora”? **Qual o teu problema?** Não existe essa palavra. “Embora” se escreve junto, não é separado. Para de escrever essa merda separado, não existe não. Háááá... iiiiii, **tô com ódio de você que faz isso.** Pelo amor de Deus, de uma vez por todas, **ANSIOSO SE ESCREVE COM S, ANSIOSO SE ESCREVE COM S.**

E é sem um peito, sem um coque e sem quebrar nada e talvez sem um pouco de dignidade, que eu termino o vídeo de hoje. Espero sinceramente que vocês tenham gostado e absorvido essas dicas maravilhosas de português pra tua vida, **pra você parar de infernizar a vida do teu professor e do pobre do teu pai.** Gostou do vídeo? Dá um like. **Não gostou do vídeo? Vai estudar, porque não sabe escrever, tá bom?** A qualquer momento eu volto com vídeo aí, um vídeo legal. Fica com Deus você também, um beijo!”

ANEXO D – TRECHO DO SHOW DE STAND-UP "DANOS MORAIS"

[Aplausos] Eu odeio gente que escreve errado, odeio, odeio. E foi por isso que eu inventei uma série de vídeos que chama “Não seja burro”, alguém aqui já assistiu? Uma, duas, três, oito pessoas já assistiram. Sucesso né? Sucesso. E junto com o sucesso vem o que? Dinheiro, nãããão... O ódio! Pois é gente, fui acusada incansavelmente de preconceito linguístico. Pra quem não sabe que que é preconceito linguístico, eu explico. **Preconceito linguístico é quando você tem preconceito com uma pessoa que escreve ou fala errado**, ou seja, fui acusada de ser burrofóbica (risos da plateia). O que não é o caso, porque **pra mim preconceito linguístico é quando você tem preconceito com uma pessoa que escreve errado ou fala errado porque ela não teve acesso à educação, ela não podia ir para a escola**, sabe por quê? Porque ela tinha que trabalhar, e se ela não trabalhasse, ela não tinha o que comer dentro de casa. Então essa pessoa, ela tá pouco se fudendo se é “mortadela” ou se é “mortandela”. Ela tá disposta a comer os dois (risos da plateia).

Mas não é pra essas pessoas que eu tô falando... Eu não faço vídeo pra essas pessoas. Eu faço vídeo pra essas pessoas que tão aí ó... trincada com o telefone na mão sabe... com o smartphone, o notebook... Postando assim no Facebook: “Vou por pirci no imbigo”. Ahhhhh... (risos da plateia). Tenho ódio da pessoa que escreve assim. Daí a pessoa fala assim “Marcela por que que cê grita?” Tá. De quando eu vejo uma merda dessa no Facebook gente, a primeira coisa que vem na minha cabeça é o seguinte: Como será que se comportou o corretor ortográfico dessa pessoa? (risos da plateia) Será que ele tava de férias? Porque não é possível, não é possível.. A pessoa vem aqui ó... I-M-B-I-G-O. Aí O corretor corrige “umbigo”. Aí ela “Vish... apaga aqui, rapidinho”. I-M-B-I-G-O. Aí o corretor vai mais uma vez: “umbigo”. “É, quebrou mesmo o telefone aqui, mandar pro conserto aqui”. I-M-B-I-G-O. Aí o corretor fala “foda-se, vai passar vergonha, vai”. Com uma pessoa dessa, gente, ela é capaz de deixar o próprio corretor em dúvida. Éééé... O corretor pensa: “Gente, será que é “imbigo?””. E aí corretor coloca no Google lá: IMBIGO (risos da plateia). É complicado, sabe? É complicado...

Então eu vou contar uma coisa pra vocês. Eu não faço esses vídeos pra debochar da cara de ninguém, claro que não. Eu faço esses vídeos porque eu quero que as pessoas tenham sim cada vez mais acesso à educação, eu quero que as

peças saibam do que elas falam, eu quero que no futuro a gente tenha orgulho de um presidente que saiba escrever e falar “triplex”. Sabe? (risos da plateia). Não é “tipréqui”, “tipéquis”, “tripréqui” ... (risos e aplausos da plateia). É TRIPLEX.